



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização | Património Artístico e História da Arte

Relatório de Estágio

**Paço de São Miguel (Fundação Eugénio de Almeida): de
residência a Casa-Museu. Relatório de Estágio**

Raissa da Silva Pereira

Orientador(es) | João Brigola

Évora 2020



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização | Património Artístico e História da Arte

Relatório de Estágio

**Paço de São Miguel (Fundação Eugénio de Almeida): de
residência a Casa-Museu. Relatório de Estágio**

Raissa da Silva Pereira

Orientador(es) | João Brigola

Évora 2020



O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

- Presidente | Antónia Fialho Conde (Universidade de Évora)
- Vogal | Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora)
- Vogal-orientador | João Brigola (Universidade de Évora)

RESUMO

Este Relatório analisa de que maneira o espaço museológico que se constitui no Paço de São Miguel - reabilitado por iniciativa de Vasco Maria Eugénio de Almeida - pode contribuir para o conhecimento do quotidiano de uma família portuguesa de classe alta que ali viveu no século XX. Para isso, realizou-se um Estágio nesse espaço da Fundação Eugénio de Almeida, o qual se focou sobretudo em controlo de inventário e musealização. Esta integração na dinâmica da instituição permitiu uma melhor compreensão sobre o processo de um sítio privado se abrir à fruição pública. De igual modo, demonstrou-se uma nova perspetiva patrimonial e museológica do Paço de S. Miguel ao apresentá-lo enquanto Casa-Museu.

Palavras-chave: Fundação Eugénio de Almeida; Pátio de São Miguel; Paço de São Miguel; Casa-Museu; Gestão do Património.

The Paço de São Miguel (Eugénio de Almeida Foundation): from residence to house museum. Internship Report

ABSTRACT

This Report analyzes how the museum space in the Paço de São Miguel – rehabilitated by Vasco Maria Eugénio de Almeida - can contribute to the knowledge of the daily life of an upper-class Portuguese family who lived there in the twentieth century. For this, an internship was held in this space of the Eugénio de Almeida Foundation, which focused mainly on inventory control and musealization. This integration into the institution's dynamics has led to a better understanding of the process of a private site opening up to public enjoyment. In the same way, a new patrimonial and museological perspective of Paço de S. Miguel was demonstrated by presenting it as a house museum.

Keywords: Eugénio de Almeida Foundation; Pátio de São Miguel; Paço de São Miguel; house museum; Heritage management.

À memória do meu pai e dos meus avós

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. João Brigola, por ter aceitado me orientar neste percurso, pela autonomia propiciada, pelos conselhos e gentileza.

À Fundação Eugénio de Almeida e a todos os colaboradores que “vivem” a missão deixada pelo seu instituidor, principalmente ao Dr. Rui Carreteiro e à Dra. Maria José Barril. Costumo dizer que se fosse para eu ter concebido pessoas para me receberem no estágio, não seriam tão maravilhosas quanto eles. Obrigada por todo o conhecimento compartilhado e afeto. Vocês são incríveis!

A minha família, aos amigos, sobretudo Andrezza, Claus e Diana, amigos para todas as horas, inclusive para a leitura deste trabalho.

A minha mãe, que com seu exemplo, me ensina a ser forte e ter fé, obrigada por tudo o que fez e faz por mim. Te amo, D. Sueli!

Ao amor da minha vida, *mi regalo*, Carlos, pelo apoio, pelo incentivo, por ser você.

Índice

Introdução	13
A. Enquadramento	13
B. Estado da Arte	14
C. Metodologia.....	15
D. Estrutura	16
Capítulo I – A casa	18
1. O Pátio de São Miguel em Évora	18
2. A Ermida de São Miguel.....	20
3. O Paço dos Condes de Basto.....	21
4. Os tetos pintados	22
4.1 - A Sala Oval	23
4.2 - A Sala de Armas.....	24
4.3 - A Sala da Tomada de La Goleta.....	25
4.4 - A Sala do Friso de Diana	25
5. Utilização remota dos espaços do Pátio de São Miguel	25
Capítulo II – O morador	27
1. A Família Eugénio de Almeida.....	27
2. Obras de restauro financiadas pelo Conde de Vill’Alva em Évora	29
2.1 - Convento da Cartuxa.....	29
2.2 - Palácio da Inquisição e Casas Pintadas	29
2.3 - Pátio de São Miguel.....	30
3. Fundação Eugénio de Almeida	34
3.1 - Estatutos	34
3.2 - Execução	35
Capítulo III– A casa-museu	41
1. A casa-museu	41
2. Casas-museu em Portugal	42
3. A casa-museu do Paço de São Miguel	43
3.1 - Constituição da casa-museu no Paço de São Miguel	45
3.2 - Objetivos do Paço de São Miguel	46

3.3 - Serviço Museológico.....	47
3.4 - Funcionamento	50
3.5 - Espaços do Paço de São Miguel.....	51
4. Utilização atual dos espaços do Pátio de São Miguel	65
4.1 - Coleção de Carruagens.....	66
4.2 - Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida	66
4.3 - A Ermida	68
Capítulo IV- O estágio.....	69
1. Musealizar divisões.....	69
2. Inventário	74
3. Atividades na casa-museu.....	80
4. Atividades relacionadas à Área Cultural e Património da FEA.....	85
5. Balanço.....	88
Considerações Finais	91
Referências bibliográficas.....	94

Índice de abreviaturas e siglas

ABEA - Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

CAC - Centro de Arte e Cultura

CIDEHUS - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades

Demhist (*Demeure historique musées*) - Comité Internacional do ICOM para casas históricas

FEA - Fundação Eugénio de Almeida

ICOM (*International Council of Museums*) - Conselho Internacional de Museus

ISESE - Instituto Superior Económico e Social de Évora

Índice de Figuras

Figura 1. Paço de São Miguel em 1958.....	31
Figura 2. Ermida de São Miguel em 1958.....	32
Figura 3. Janela “desentaipada”.....	33
Figura 4. Conta-me uma história.....	37
Figura 5. Évora Creative Market.....	37
Figura 6. Heritage Indoor Sketchers.....	38
Figura 7. Dia Aberto.....	38
Figura 8. Festival Lá Fora.....	39
Figura 9. Michelle Bachelet e Marcelo Rebelo de Sousa.....	39
Figura 10. Está aí alguém?.....	40
Figura 11. Cesto de costura de Maria Teresa Eugénio de Almeida.....	44
Figura 12. Exposição Say Cheese - Sala de Bilhar.....	46
Figura 13. Exposição Say Cheese - Sala da Virtude.....	46
Figura 14. Data logger/ Figura 15. QR Code.....	48
Figura 16. Machados do Neolítico.....	52
Figura 17. Quadro de tarefas.....	54
Figura 18. Visão da cozinha a partir dos aposentos de Maria Teresa.....	54
Figura 19. Jardim em 1958.....	55
Figura 20. Oratório.....	56
Figura 21. Loggia.....	57
Figura 22. Sala do Amor.....	58
Figura 23. Traje de Par do Reino.....	59
Figura 24. Álbum de fotografias.....	60
Figura 25. Forma para bolo.....	61
Figura 26. Sala Ramalho Ortigão.....	62
Figura 27. Mesa de xadrez.....	63
Figura 28. Galeria das Escadas.....	64
Figura 29. Livro de Alexandre Herculano.....	65
Figura 30. Equipamentos do Páteo.....	66
Figura 31. Sala PSM1/D05.....	71
Figura 32. Escritório.....	71
Figura 33. Quarto.....	72
Figura 34. Catalogação dos livros.....	75
Figura 35. Inventário.....	77
Figura 36. Verificação de inventário.....	78
Figura 37. Atualização de inventário.....	79
Figura 38. Inventário eletrónico.....	79
Figura 39. Conservação/ Figura 40. Filmagens no Paço.....	81
Figura 41. Encontro da Associação Portuguesa de Jardins Históricos.....	82

Figura 42. Visita guiada (casal)/ Figura 43. Visita guiada (adolescentes)	83
Figura 44. Atividade infantil/ Figura 45. Apresentação de atividade.....	84
Figura 46. Estagiários	85
Figura 47. Visita Guiada - Casas Pintadas/ Figura 48. Conservação Casas Pintadas	86
Figura 49. Desmontagem Exposição/ Figura 50. Relatório Estado de Conservação	87
Figuras 51, 52 e 53. Atividade em parceria com o Laboratório HERCULES	87
Figura 54. Herdade das Murteiras	88

En mi casa he reunido juguetes pequeños y grandes, sin los cuales no podría vivir.

Son mis propios juguetes. Los he juntado a través de toda mi vida con el científico
propósito de entretenerme solo.

El niño que no juega no es niño, pero el hombre que no juega perdió, para siempre al
niño que vivía en él y que le hará mucha falta.

He edificado mi casa también como un juguete y juego en ella de la mañana a la
noche.

Pablo Neruda

Introdução

A. Enquadramento

Quando estive há alguns anos em Évora, conheci o Pátio de São Miguel casualmente, foi uma experiência inesquecível e o lugar se tornou um dos meus favoritos na cidade. Sou uma historiadora que, sempre que possível, escolhia cadeiras da Arquitetura e que entrou na universidade querendo saber mais sobre Património. Então, parecia-me um sítio especial, além da estética, reunia em si diversas camadas temporais. Na ocasião não pude conhecer o Paço de São Miguel.

Decidi que queria fazer mestrado em Portugal porque havia possibilidade de estagiar, e, em minha conceção, trabalhar em um equipamento cultural é unir o melhor dos dois mundos: investigar - mas não para o conhecimento ficar entre meus pares - e transmitir isto à sociedade - sem o método de ensino formal. Nesse contexto, almejava fazer o estágio em uma casa-museu porque reúne tantos assuntos que me são caros, além dos já citados, estão ainda a noção de público *versus* privado, cultura material, quotidiano, sociabilidades, em alguns casos jardins históricos; ademais do aprendizado de vivenciar a prática diária desta tipologia de espaço museológico e poder colaborar com a instituição. Soma-se a isso, o facto de que quando vamos a uma casa-museu existe a sensação do “espreitar pelo buraco da fechadura”, as pessoas gostam de ver como o outro vive; não fosse assim os eventos de *open-housing* não fariam tanto sucesso. Segundo Doctors (2010, p. 50) a casa-museu traz “à tona camadas mais subterrâneas de sentido que a história mais objetiva e oficial dos fatos não nos permite ver”, talvez daí o interesse.

Logo, fiquei extremamente feliz ao visitar o Paço de São Miguel e saber que o sítio que eu tanto havia apreciado designava-se como casa-museu. Nesse sentido, a investigação justifica-se à medida que muito foi escrito, falado sobre o espaço, mas até o momento não há um trabalho acadêmico que o analise na perspetiva de uma casa-museu.

Assim, a problemática que se instaura é: como esse ambiente museológico pode contribuir para conhecimento do quotidiano de uma família portuguesa de classe alta que ali viveu no século XX?

Com as atividades que serão desenvolvidas no estágio, tais como inventariação, gestão de espólio e musealização pretende-se conhecer os objetos que faziam parte do quotidiano, compreender como se deu o processo de conversão entre residência e casa-museu.

B. Estado da Arte

Como mencionado anteriormente, não existem trabalhos acadêmicos que tratem da constituição da casa-museu no Pátio de São Miguel, no entanto, muito foi escrito sobre o espaço. A começar pelos cronistas André de Resende, Gabriel Pereira e hodiernamente Gustavo Val-Flores e Maria Ângela Beirante que enquadram o Pátio na evolução da cidade de Évora. É de se destacar, ainda, o estudo de Afonso de Carvalho sobre a toponímia da cidade, no qual encontramos menções ao remoto castelo.

Túlio Espanca em seu *Inventário* também remonta às origens do Paço, assim como Júlio Gil e Gustavo Sequeira trazem detalhes da construção em publicações que versam

sobre palácios e solares portugueses. A Revista *Monumentos e Évora Desaparecida* trazem ainda imagens do sítio antes do restauro promovido por Vasco Maria Eugénio de Almeida.

Ao falar de mobiliário e residências da família Eugénio de Almeida é importante citar os trabalhos de Isabel Fonseca e Joana Leal. Joaquim Caetano e José Carvalho são referência no estudo dos frescos quinhentistas do palácio. Helder Fonseca e Jaime Reis analisam a fortuna familiar pela óptica da História Social. Maria Elvira Marques com o auxílio da viúva de Vasco Maria Eugénio de Almeida, a Condessa de Vilalva, apresenta detalhes sobre a sua vida e legado.

Em se tratando do estudo das casas-museu é essencial analisar atas, normativas do ICOM (Conselho Internacional de Museus) e do Demhist (Comité Internacional do ICOM para os museus de casas históricas). Importante também é a dissertação de António Ponte que oferece um norte para investigar as casas-museu em Portugal. Rosaelena Scarpeline pesquisa sobre a primeira casa-museu brasileira, a casa de Rui Barbosa.

Laurinda Paz e Paulo Guimarães falam sobre arquivos de casas-museu em Portugal. Marta Moreira, Paulo Barbosa e Renata Puig contribuem ao tratarem de arquitetura e adaptações para casas-museu em Brasil e Portugal.

C. Metodologia

Ainda antes de iniciar o estágio, a estratégia foi investigar em mecanismos de busca, tais como: Base, Refsek, Europeana, BDTD, Isidore, Bdalentejo, nos repositórios

das universidades, no Arquivo da Câmara de Évora, na Biblioteca Pública de Évora os termos: Palácio/Paço dos Condes de Basto, Castelo Évora, Paço de São Miguel, Pátio de São Miguel, Eugénio de Almeida, casa-museu, *house museum*, cultura material, dentre outros.

Também buscar informações sobre sistemas de informação de gestão de espólio, operados, por exemplo, por *Win Pat*, Sistemas do Futuro, *Keep Solutions*. A Fundação possui sistema próprio, mas seria pertinente tal conhecimento.

Durante o estágio segui consultando a bibliografia e fontes necessárias. Em paralelo, elaborei um diário de campo, no qual registava as atividades executadas, os questionamentos (para investigar e/ou consultar o Dr. Rui Carreteiro) e os *insights*. E, sempre que possível, fotografava o desenvolvimento do trabalho. Vale pontuar que optou-se por inserir as fotografias essenciais no corpo do texto, e não muitas outras em anexo, para proporcionar uma leitura mais fluida.

D. Estrutura

No primeiro capítulo é abordada a relevância do Pátio e do Paço de São Miguel em diversos momentos da história, bem como os usos que lhes foram dados. De se destacar que à partida pensou-se em intitular o trabalho de “Pátio de S. Miguel ...”, já que no Pátio estão o ABEA (Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida), a Coleção de Carruagens, a Ermida de São Miguel. No entanto, no decorrer da investigação identificamos que o mais adequado seria Paço de São Miguel, visto que ali está a casa propriamente dita.

No segundo, resgata-se a história da família Eugénio de Almeida, de Vasco Maria Eugénio de Almeida, o Conde de Vill’ Alva, instituidor da Fundação Eugénio de Almeida, assim como da Fundação e atividades desenvolvidas. O terceiro refere-se à definição da casa-museu, casas-museu em Portugal, a casa-museu do Paço de São Miguel e suas características. O quarto e último traz o relato do estágio, assim como o balanço dessa experiência. E, para concluir, as considerações finais.

Em que pese o rigor do texto acadêmico, procurei escrever de uma maneira simples e objetiva, pensando naqueles que nunca ouviram falar do assunto, não conhecem Évora e/ou o espaço; afinal penso que o estágio é uma forma de aproximar a academia e a sociedade.

Certa vez ouvi que a investigação não acaba, o que acaba é o tempo, também o número de página nos limita, assim, com o coelho de Lewis Carroll a dizer “adeus, é tarde, é tarde, é tarde”, vos deixo este relatório, que espero ser útil de alguma maneira.

Capítulo I – A casa

1. O Pátio de São Miguel em Évora

Nosso objeto de estudo, o Paço de São Miguel, situa-se em um local emblemático de Évora: o Pátio de São Miguel.

É recorrente identificarem o Pátio como o sítio que sediou, ao longo dos séculos, o alcácer de Évora, o castelo, o palácio dos Condes de Basto. No entanto, existe a hipótese de ter sediado ainda um povoado primitivo, pois se assim foi, o povoado deveria estar na parte mais alta da cidade. Diferente de Beja, por exemplo, a qual já possuía tal nome antes dos romanos e ali se encontram vestígios destes povos, Évora também é topónimo pré-romano, mas se desconhece estes indícios em seu perímetro urbano.

Segundo Val-Flores (2012, p. 135):

Uma análise de índole corográfica revela uma plataforma, hoje delimitada pela actual Ruas da Freiria de Cima, Largo Maria Chicó, Largo Conde de Vila Flor e Rua Soares Lusitano, onde as cotas oscilam entre os 305m e os 311m. Ocupando uma área de aproximadamente 3 hectares, é o local onde a maioria dos estudos coloca o primitivo povoado, devido ao seu confronto com uma encosta de acentuado declive, logo de forte capacidade defensiva. A sugestão é aceitável, ainda que bastante conjectural.

Ainda que reconheça o carácter conjectural da hipótese, o autor admite que a expectativa mantém-se devido a achados no subsolo de Évora, em particular nas zonas do atual Pátio de S. Miguel, e continua afirmando que “Desta forma, convém não

invalidar a pertinência de achados arqueológicos nesta zona, por acreditarmos que se mantêm como um elemento topográfico para o qual escasseia uma explicação plausível.” (Val-Flores, 2012, p. 144).

No período romano, a Basílica estaria bem próxima do Pátio. Túlio Espanca (1966, pp. XVIII e XIX) refere que em Évora menos documentados artisticamente estão os períodos visigótico e árabe.

Não obstante, segundo Vilar e Fernandes (2007, p. 9) é muito provável que o alcácer velho estivesse onde hoje está o Pátio, que este deve ter sido construído no período califal, por não haver qualquer notícia do alcácer até este momento, e assim traçam um paralelo com Mérida, centro da autonomia regional de base também muladí. “o alcácer de Mérida foi construído com as costas para a cidade, virado para a ponte romana, excluindo o facto de Évora não possuir rio, ocorre o mesmo, aproveitando aqui o ponto com a cota mais alta e ao mesmo tempo mais periférico à cidade.”

Para complementar, e uma vez que não se evidencia muito a ocupação árabe, José Rui Ribeiro dos Santos (2016, p. 50) em um *Um olhar sobre o quotidiano de Évora no período medieval-islâmico. Século VIII-XI* adverte que no âmbito do Projeto Acrópole XXI, foram encontrados no Pátio muros e pavimentos relacionados a estruturas habitacionais e fossas.

Encontraram também um compartimento de grandes dimensões junto a Porta da Traição. Não se interveio uma área suficiente para determinar a planta e esclarecer com segurança a funcionalidade. No entanto, se o átrio for considerado um “local de receção da casa, que por norma dava acesso ao pátio. O fato de estar cuidadosamente pavimentado (ao contrário da maioria dos átrios das casas islâmicas interveio por exemplo em Mértola) e a hipótese de ser um compartimento de grandes dimensões sugere

a sua associação a um edifício palaciano, relacionado com o Alcácer” (Santos, 2016, pp. 50-51).

2. A Ermida de São Miguel

Após a vitória cristã, a forma como se estrutura o poder na cidade reconquistada tem os seus reflexos na forma como se partilha o espaço fortificado da alcáçova, entre o rei e os freires de Évora (Beirante, 1998, p. 44), isto porque Évora estava em uma zona fronteira e era importante que os protetores da cidade estivessem neste lugar estratégico, o mais alto da urbe.

Assim, D. Afonso Henriques em 1176, doa ao mestre da ordem (Gonçalo Viegas) e a seus freires, entre outros bens, casas que tinha em Évora (Beirante, 1998, p. 44). Daí a toponímia circundante ser Freiria de Cima e de Baixo, e ser edificada a Ermida de São Miguel.¹

A transferência da ordem de Évora para Avis na segunda década do século XIII, faz com que o poder dos freires na cidade passe a ser mais simbólico do que real. Por isso, o mestre de Avis, Martinho Fernandes, e o seu convento, em 1264, restituem ao rei a fortaleza dita “alcácer novo”, recebendo em troca os materiais de construção do alcácer novo que o rei edificou na mesma cidade. Além disso, recebem do rei 1000 libras em dinheiro para construir casas no seu “alcácer velho”, desde que não fizessem fortaleza. Isto porque entendiam que

1 Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73883>. Acesso em: 6 de junho de 2019. A Ermida foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1939, assim como a “Escada e varandim à entrada do Pátio de São Miguel (porta n.º 2)” em 1922, e o Paço dos Condes de Basto, classificado como Monumento Nacional também em 1922.

aquela fortaleza era mais necessária ao rei do que à ordem, para reger e manter o domínio da cidade. (Beirante, 1998, p. 44)

Assim, há certa imprecisão na historiografia, quando admitem que D. Leonor Teles, na Crise de 1383-1385², estivesse no Paço de São Miguel durante os confrontos, que ocorreram em Évora, entre seus partidários e os partidários do futuro rei de Portugal - D. João, Mestre de Avis. É possível que a regente se encontrasse no alcácer novo, onde atualmente é o Paço dos Duques de Cadaval. Outro ponto controverso é a afirmação de que Nuno Álvares Pereira tivesse vivido no Paço, o que ocorre é que o rei doa o alcácer velho ao capitão-mor - responsável pelas tropas em uma determinada localidade - mas não que o Condestável fosse para ali viver.

3. O Paço dos Condes de Basto

D. Diogo de Castro, o Velho, que se havia distinguido em expedições no Marrocos e na Batalha de Toro é nomeado à capitão-mor de Évora em 25 de maio de 1475, com isso recebe o alcácer. Mas é seu neto, D. Diogo de Castro, o Magro, que realiza as obras mais importantes no Paço. (Caetano & Carvalho, 1998, pp. 11-12).

Além da regularização das fachadas, é sob a responsabilidade dele que se realiza um programa fresquista nos tetos de algumas salas do palácio. Ainda em seus tempos, entre 1573 e 1575, D. Sebastião chega a viver ali. (Caetano & Carvalho, 1998, p. 13).

² Quando Dom Fernando morre, instala-se uma crise sucessória em Portugal, uma vez que o monarca não deixava descendência masculina.

Na dinastia filipina, D. Fernando, o 1º Conde de Basto, e D. Diogo, o 2º, receberam respetivamente Filipe II em 1583 e Filipe III em 1619 e suas comitivas. O Vice-Rei Arquiduque Alberto ali também residiu em 1634. O 2º Conde de Basto ainda recebeu Margarida de Sabóia, a Duquesa de Mântua (Caetano & Carvalho, 1998, p. 14).

Após a Restauração, o 3º e último Conde de Basto, D. Lourenço Pires de Castro vai para Espanha. Assim, D. João IV instala-se no palácio em 1643 e 1651, reunindo ali o Conselho de Estado. Em 1699, o Paço receberia ainda a visita da Rainha da Inglaterra, D. Catarina de Bragança, inclusive este facto resultou em obras no espaço, para acolher a comitiva da rainha (Caetano & Carvalho, 1998, p. 15).

A seguir, o Paço integra os bens de D. José de Menezes e Castro, 13º senhor de Patameira e Caparica e pai do 1º Marquês de Valença, até ser vendido ao lavrador Vicente Ruivo (Serrão, 2014, p. 12).

4. Os tetos pintados

É curioso que em um trabalho visto como referência no estudo de palácios e solares portugueses, o autor Gustavo Sequeira (1980, p. 58) afirme que os tetos pintados do Paço de São Miguel “têm reduzido valor artístico”. Todavia, um dos motivos para inscrição do Paço como Monumento Nacional foram estes frescos. O fascículo da Revista Monumentos sobre Évora traz, aliás, a foto da Sala do Amor (Oval) em sua capa, demonstrando a relevância dos frescos.

Para Caetano e Carvalho (2004b, p. 12): “Encontramos aqui, claramente expressas, as noções do palácio como Templo do Amor, como Templo da Fama e como

Templo da Virtude, precisamente três conceitos fundamentais da ideia de Palácio do Renascimento.”

Segundo os mesmos autores (Caetano & Carvalho, 1998, p. 39), as pinturas das três salas do andar térreo teriam sido executadas entre 1578 e 1580, sob a direção de Francisco de Campos, enquanto a da sala com friso parietal no piso superior deve ter sido realizada posteriormente por outro artista. Para Serrão e Antunes (2013, p. 348) o autor destes frisos seria Giraldo Fernandes do Prado.

4.1 - A Sala Oval

Esta sala de formato oval, tem como elemento principal oito painéis, que ilustram o maneirismo neerlandês (Caetano & Carvalho, 1998, p. 41). É possível encontrar afinidades com o teto executado por *Corregio*, em 1521, na câmara da Abadessa de São Paulo, em Parma (Caetano & Carvalho, 1998, p. 40).

Os quatro painéis axiais trazem a copa de arvores, ou um caramanchão, onde os *putti* são representados em diversas posições, a brincar. Os oito painéis de baixo foram inspirados nas *Metamorfoses*, de Ovídio, o qual inspirou muitos programas de pintura deste tipo (Caetano & Carvalho, 1998, p. 41). A primeira edição portuguesa, ainda que em língua espanhola, das *Metamorfoses* foi realizada na oficina eborense de André de Burgos em 1574, ou seja, quatro anos antes de data dos frescos (Caetano & Carvalho, 1998, p. 68).

Trazem sobretudo deuses que se transformaram em elementos cotidianos para possuírem suas amadas.

Como Erigon, grafada Grigon, nesta história Baco transforma-se em um cacho de uvas para possuir a filha de Icários, quando esta começa a comer a fruta, Baco a agarra e dorme com ela. Ou Leucotoe - que por ter sido também erroneamente legendada como Leucote pensava-se ser a divindade marinha que salvou Ulisses de um iminente naufrágio - nessa narrativa o deus sol Febo Apolo transforma-se na mãe da donzela, Eurínome, a qual diz que tinha um segredo para dizer à Leucotoe para que as criadas que a ajudavam a fiar, as deixassem a sós, quando isto acontece assume sua forma verdadeira (Caetano & Carvalho, 1998, pp. 43-45).

Ou como na famosa história de Danae, na qual Júpiter se transforma em uma chuva de ouro para possuí-la. Ou quando o mesmo Júpiter se converte em fogo para enganar Egina (Caetano & Carvalho, 1998, pp. 48-49).

E as outras quatro ninfas: Proserpina - neste painel está a assinatura do artista, bem como a data - que está colhendo flores, quando Plutão a leva. Medea, no episódio em que forneceria a Jasão o unguento protetor na saga do velo de ouro; Alcíone, grifada Sione, representada dormindo, quando Morfeu mostra em sonhos que Seico, seu amado, havia se lançado ao mar, o que ela faria a seguir; Salmacis reproduzida tecendo uma grinalda de flores e na companhia de um cão, esta é a ninfa que se uniria a Hermafrodito, para os autores o cão seria uma representação de Hermafrodito (Caetano & Carvalho, 1998, pp. 41-42, 45-47,50).

4.2 - A Sala de Armas

Esta sala apregoa a moralidade ou as virtudes: “Encontra-se dividida em 22 painéis losangulares com pinturas a fresco, em cuja composição predominam largamente os

motivos zoomórficos, coadjuvados por animados *putti* e, em alguns painéis, por seres fabulosos em posições esfíngicas” (Caetano & Carvalho, 1998, p. 57).

4.3 - A Sala da Tomada de La Goleta

Nesta sala há 28 painéis com forma idêntica a Sala de Armas, porém menores. Outra diferença é que enquanto na sala anterior predominavam motivos zoomórficos, aqui predominam os antropomórficos. É suposto que esta sala tivesse a função de registrar os grandes feitos militares dos Castro, como em La Goleta. (Caetano & Carvalho, 1998, pp. 61-62).

4.4 - A Sala do Friso de Diana

Nesta divisão do andar superior estão representados o Julgamento de Páris, e os episódios entre Perseu e Andrómeda, Atalanta e Hipómenes e Diana e Acteon (Caetano & Carvalho, 1998, pp. 64-67).

5. Utilização remota dos espaços do Pátio de São Miguel

Quando Vasco Maria adquire o prédio em que hoje está o Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, ali encontrava-se o Asilo de Mendicidade, com cozinha e refeitório no piso térreo e as camaratas no primeiro andar; antes, porém, nos tempos dos Condes de Basto, as cavaliças localizavam-se abaixo e os quartos dos empregados acima (Espanca, 1966, p. 100) - onde atualmente estão o departamento de Património e a Sala de Atos.

O lugar em que hoje funciona a Administração da Fundação foi integrado aos bens dos Condes de Basto em 1570, pouco depois da morte do antigo proprietário, o cónego da Sé, Ambrósio Rodrigues. Parte do casario deste sítio foi construído com destino à aposento de familiares e hóspedes dos capitães-mores, nas vésperas da visita de Filipe II, em 1619 (Espanca, 1966, p. 100). Neste edifício fica, ainda, a “Escada e varandim à entrada do Pátio de São Miguel (porta n.º 2)”, Imóvel de Interesse Público, a qual Espanca (1966, p. 100) definiu como “curiosa e elegantíssima”.

Quanto à Coleção de Carruagens, ali já esteve o celeiro do Cabido da Sé e no período em que a sede da Sociedade Dramática e Recreativa Eborense estava sendo construída na Estrada de Circunvalação, com apoio financeiro de Vasco Maria, seus integrantes utilizaram o espaço também.³

³ Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimonio-cultural/3128-colecao-de-carruagens>. Acesso: 13 de março de 2019.

Capítulo II – O morador

1. A Família Eugénio de Almeida

Antes de falarmos daquele que adquiriu e reabilitou o Páteo, é importante conhecer sua origem, visto que na instituição da Fundação declara que esta seria para memória e homenagem de seus pais e avós.

Seu bisavô foi José Maria Eugénio de Almeida (1811-1872), designado por Fonseca e Reis como “um capitalista da regeneração” (1987). De facto, José Maria multiplica em muito sua fortuna aproveitando-se do momento político, quando foi possível adquirir bens que antes eram da Igreja ou de Morgadios.

Conforme adverte Sardica (2016, p. 28): “2018 contos de fortuna faziam de Eugénio de Almeida um dos proprietários e empresários agrícolas mais ricos da Regeneração portuguesa, se não mesmo o mais milionário de entre os milionários da lavoura nacional.”

Nas décadas de 1850 e 1860 adquire o Casal de Monte Almeida - atual Parque Eduardo VII - e o Palácio de São Sebastião da Pedreira, a seguir contrata o arquiteto-cenógrafo Cinatti para construir as cavalariças da casa⁴, a tradição familiar dá conta de que este edifício fora inspirado no palácio de um lorde escocês que havia zombado que os portugueses não sabiam cuidar de seus animais equestres (Sardica, pp. 195-198).

José Maria, que estudou Direito, foi por três vezes deputado, Par do Reino e diretor da Casa Pia, orienta seu filho Carlos Maria Eugénio de Almeida (1846-1914) a estudar

⁴ Estas cavalariças foram adaptadas a residência de Vasco e Maria Teresa, a qual denomina-se Casa de Santa Gertrudes. A seguir, parte dos jardins foi vendida à Fundação Calouste Gulbenkian.

Agronomia. Quando morre, a administração da casa fica sob a responsabilidade de Carlos (Pereira, 2010, pp. 17-19).

Seu filho José Maria Eugénio de Almeida (1873-1937), o 1º Conde de Vill'Alva também estuda Agronomia. Contrai matrimónio com Alice Irene de Sousa Araújo, da qual não possui descendência, no entanto, tem dois filhos de uma relação extraconjugal, um deles enfermo desde criança⁵ e o outro viria a ser o instituidor da FEA, Vasco Maria Eugénio de Almeida (1913-1975), o 2º Conde de Vill'Alva. Vasco vai viver com o pai na infância, após a mãe falecer.

Talvez pelas condições de seu nascimento, quando se torna o herdeiro majoritário da família Eugénio de Almeida, preocupa-se sempre em utilizar o dinheiro para fazer o bem, para amenizar o cotidiano difícil numa sociedade em que os meios de ascensão social eram mais estáticos.

Casa-se com Maria Teresa Burnay de Almeida Bello (1921-2017) em 1948, não deixam descendentes. E sobretudo no Alentejo se envolve em diversas obras sociais, a de maior reconhecimento foi o donativo para construção do hospital do Patrocínio - que leva este nome em homenagem a sua avó - mas participou também da gerência do Banco do Alentejo, dividiu a Herdade do Álamo da Horta entre 150 trabalhadores, ajudou as freiras do Convento do Calvário a renovarem a cozinha e o refeitório, assim como as Irmãs do Convento Novo a expandirem uma pequena oficina de malhas em uma fábrica, dentre outras ações.⁶

⁵ José Maria Eugénio Almeida foi afetado por uma meningite, da qual nunca se recuperou, o pai organiza-lhe a vida numa quinta no Bombarral (Marques, 1998, p. 33).

⁶ Para outras benfeitorias realizadas por Vasco Maria Eugénio de Almeida ver Maria Elvira Marques (1998), capítulo III-Apoio a Iniciativas Várias in *Vasco Vill'Alva: uma presença no Alentejo: (1913-1975)*.

Assim, sem as obras realizadas por Vasco Maria e Maria Teresa Eugénio de Almeida supõe-se que os cenários cultural, educacional e social de Évora seriam muito diferentes.

2. Obras de restauro financiadas pelo Conde de Vill'Alva em Évora

2.1 - Convento da Cartuxa

Devido à extinção da Ordens Religiosas em 1834, o Mosteiro de Santa Maria *Scala Coeli* (Escada do Céu) ou Convento da Cartuxa passou para os bens da Fazenda Nacional. A seguir, Joaquim Filipe de Soure adquire-o e transforma em Escola Agrícola Regional, esta é fechada em 1869 e aí o convento já se encontrava em avançado estado de degradação.

Ainda no século XIX, José Maria adquire o mosteiro e terras anexas, seu filho Carlos Maria estabeleceria ali o centro de lavoura da Casa Agrícola Eugénio de Almeida e construiria uma pequena moradia, onde se instalava nas deslocções à Évora.

Em 1948, Vasco demole a construção feita apelo avô e começa a reconstrução do convento, almejando oferecê-lo aos monges cartuxos novamente. Vasco visita várias Cartuxas em Espanha e França. Em 1960, o convento reabre com sete monges (Mendes, 2003a, pp. 12-14).

2.2 - Palácio da Inquisição e Casas Pintadas

O espaço que hoje conhecemos por Casas Pintadas pertenceu aos Silveira por três gerações, quando estes ocupavam o cargo de coudel-mor - séc. XV- os frescos inclusive são deste período (Caetano & Carvalho, 2004a, p. 4).

Quando comprado pelos inquisidores seria destinado aos seus aposentos, visto que ao lado, onde atualmente é o Centro de Arte e Cultura da FEA ficava o Tribunal do Santo Ofício. Com a extinção da Inquisição em 1821, o espaço abriga o Teatro Eborense ou Teatro das Casas Pintadas. Após a desativação em 1893, ali funcionou o Hotel Alentejano de 1920-49.

Vasco junto com outros acionistas fundam em 1960 *A Forasteira* com a intenção de fazer ali um novo hotel, porém ao tomarem conhecimento de que o Estado iria transformar o Convento dos Lóios em Pousada, a sociedade é desfeita. O engenheiro, todavia, decide criar o ISESE (Instituto Superior Económico e Social de Évora) - o que impulsionaria o ressurgimento da Universidade de Évora - e a residência dos jesuítas que administravam a instituição (Mendes, 2003b, pp. 12-14).

Após as obras de revitalização no início da década de 2010, os livros do ISESE foram deslocados para o edifício do ABEA no Pátio de São Miguel e os jesuítas foram viver em outra propriedade da Fundação.

2.3 - Pátio de São Miguel

Quando Vasco adquire o Pátio em 1957, este estava em profundo estado de degradação, com cerca de 20 inquilinos - dentre eles, a Sociedade Dramática e Recreativa Eborense. À partida, o Estado pretendia transformar o Paço de São Miguel em Pousada, porém concluiu-se que não havia espaço suficiente para construção de quartos. Desta

forma, o conde decide financiar os encargos, contando com o apoio da DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais) e do arquiteto Rui Couto (Mendes, 2003c, pp. 12-14).



Figura 1. Paço de São Miguel em 1958

Fonte: Acervo ABEA



Figura 2. Ermida de São Miguel em 1958

Fonte: Acervo ABEA

Em 1958 iniciam-se as obras, que durariam cerca de quinze anos, procurando restituir o traçado primitivo. “Mais do que restaurar, tornou-se imperioso colocar a descoberto o que havia sido ocultado por todas as obras anteriores.” (Mendes, 2003c, p. 14)

Assim, durante as obras identificaram elementos góticos, manuelino-mudéjares e decidiram pelo “desentaipamento”, sacrificando a memória de intervenções posteriores (Mendes, 2003c, p. 15).

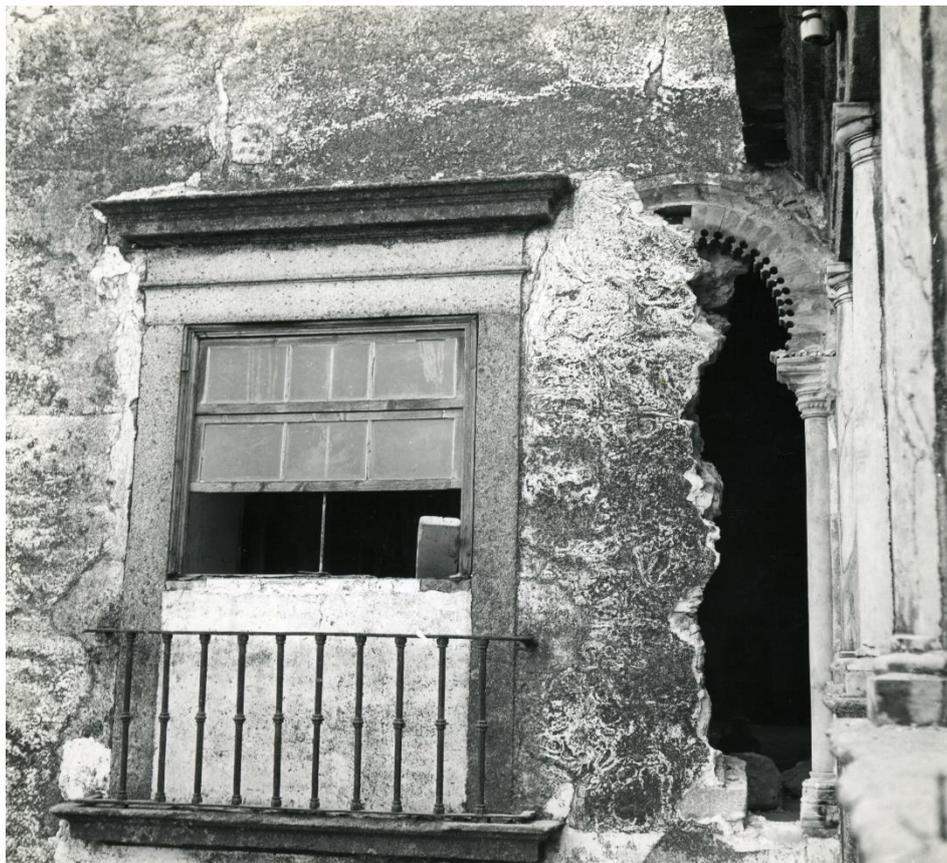


Figura 3. Janela “desentaipada”

Fonte: Acervo ABEA

Ainda que tenha ocorrido esta intervenção do DGEMN e do arquiteto Rui Couto, para Brigola (2016, p. 115), Vasco tinha consciência de suas escolhas:

Seja qual for o prisma por que se avalie o imenso legado de Vasco Vilalva no campo da criação de património cultural sempre surpreenderá uma dupla evidência: a da coerência de um ideário e a do pioneirismo do caminho adoptado. Quer dizer, todas as acções que programou e que executou, no âmbito da recuperação e da valorização de bens históricos, adquirem significado e congruência, deixando pressupor um modelo maduramente pensado e arquitectado, uma intervenção guiada e iluminada por um método, por um

conceito. Longe, por isso, de uma praxis casuística e pragmática, ou fruto de acasos fortuitos.

Além do Património Cultural, recuperado em meados do século XX, a FEA tutela e conserva, ainda, Património Arqueológico em suas herdades. Na Herdade das Murteiras, por exemplo, o Conjunto - povoado, sepulturas e anta - que existe ali “constitui um dos melhores exemplares para, de uma forma integrada, podermos ter uma imagem das paisagens da vida e da morte nas primeiras sociedades camponesas da região. Os primeiros pastores e agricultores do Alentejo.”⁷

3. Fundação Eugénio de Almeida

3.1 - Estatutos

No 3º artigo do 1º capítulo dos Estatutos da Fundação Eugénio de Almeida ⁸ fica declarado: “Os fins da instituição são de beneficência, espirituais, culturais e educativos, visando a elevação do espírito da caridade cristã, do nível religioso, cultural e técnico da região de Évora de harmonia com os princípios tradicionais do País.”

No artigo 4º especifica-se que a Fundação deverá ceder o Mosteiro de Santa Maria *Scala Coeli* (Escada do Céu) aos monges cartuxos, “para que nele sejam restauradas e mantidas as suas primitivas e naturais funções”, “subsidiar a conclusão do novo edifício do Oratório de São José” e “auxiliar a criação e manutenção de um Instituto de Estudos

⁷ Disponível em: <https://www.fea.pt/2028-megalitismo-nas-herdades-da-fundacao-eugenio-de-almeida>. Acesso: 8 de julho de 2019.

⁸ Disponível em: <https://www.fea.pt/13-estatutos>. Acesso: 27 de abril de 2019.

Superiores orientado pela Companhia de Jesus, de acordo com as tradições universitárias da cidade de Évora”.

Costuma-se dizer que Vasco pretendia refazer o fio da história, ou seja, neste caso trazer os monges cartuxos que haviam sido expulsos com o fim das Ordens Religiosas e os jesuítas enxotados pelas disposições do Marquês de Pombal.

3.2 - Execução

Para efetuar a missão deixada por Vasco, a FEA hoje atua em cinco frentes⁹, que por fim, se entrelaçam. A seguir estão as atividades realizadas em cada uma delas no ano de 2018, e para o caso do Património, também 2019.

Área cultural: além das exposições realizadas no CAC, promoveu-se eventos como Festival *Lá Fora*, Encontro do grupo de origami de Évora, Seminário sobre a Inquisição - em parceria com o CIDEHUS (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades), oficina de dança cabo-verdiana, bolsas de mérito - para perpetuar a lembrança do início do ISESE, são premiados os melhores alunos finalistas dos cursos de Economia, Gestão e Sociologia da Universidade de Évora - e oferta de subsídios à instituições culturais.

Área social e de desenvolvimento: Programa de qualificação para o terceiro setor, Programa de Voluntariado, Évora *Talks*, Sessão de informação sobre o programa Erasmus +, subsídios para a Caritas, dentre outros.

⁹ Informações coletadas do Relatório e Contas da Fundação de 2018. Disponível em <https://www.fea.pt/2757-relatorio-contas-e-apoios-financeiros-do-estado>. Acesso: 01 de julho de 2019.

Área Espiritual: subsídios à Cartuxa, Arquidiocese de Évora etc. De se destacar ainda o levantamento realizado entre 2002 e 2014 no distrito de Évora e que deu origem ao Inventário Artístico da Arquidiocese de Évora.

Área produtiva: gere a produção agropecuária, produz vinhos, de onde vem a maior parte da receita da Fundação Eugénio de Almeida.

A área de Património da FEA, que está sediada no Pátio de São Miguel, promoveu em 2018 atividades em cooperação com a universidade, visitas guiadas temáticas, assim como com o apoio dos Fundos Europeus foram realizadas atividades, dinamização e animação do património, tais como:

- *Conta-me uma história* - diversos narradores contaram histórias pelos espaços patrimoniais da FEA.
- *Heritage Indoor Sketchers* - os *Urban Sketchers* de Portugal e também o público em geral desenharam espaços da Fundação. Esta iniciativa deu origem a uma exposição no CAC e ímanes para venda.
- *Évora Creative Market* - mercado com produtos de autor, que traz também concertos, oficinas e gastronomia.

Em 2019, além da 3ª edição do *Évora Creative Market* e do 2º *Heritage Indoor Sketchers*, proporcionou-se também o Programa *Follow me*, um programa de valorização do património cultural através de agentes turísticos e *Está aí alguém?*, visitas encenadas no Paço de São Miguel.

De se destacar outros eventos que o Pátio e o Paço de São Miguel acolhem, como o *Dia Aberto*, no qual os ambientes da Fundação são abertos à comunidade, o Festival *EA Live*, ou visitas de chefes de Estado, quando por exemplo, Michelle Bachelet enquanto

presidente do Chile esteve no Paço com o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa.



Figura 4. Conta-me uma história

Fonte: Site FEA



Figura 5. Évora Creative Market

Fonte: Site FEA

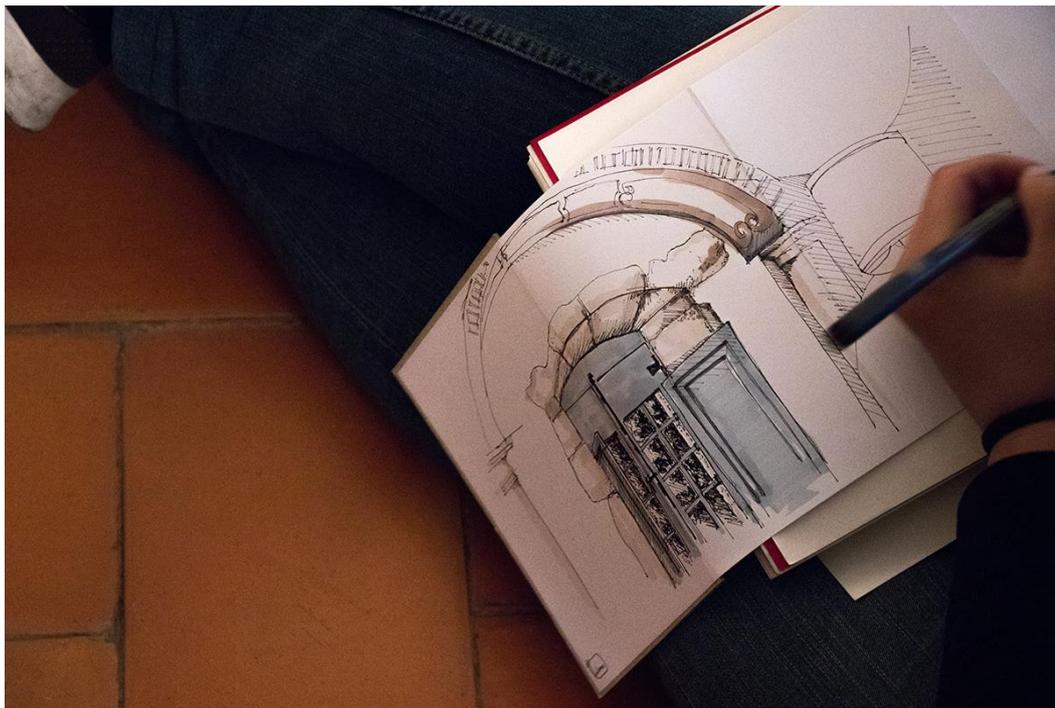


Figura 6. Heritage Indoor Sketchers

Fonte: Site FEA



Figura 7. Dia Aberto

Fonte: Site FEA



Figura 8. Festival Lá Fora

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 9. Michelle Bachelet e Marcelo Rebelo de Sousa

Fonte: Acervo FEA



Figura 10. Está aí alguém?

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Capítulo III– A casa-museu

1. A casa-museu

Segundo a atual definição do ICOM: “O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”¹⁰

A casa-museu, no entanto, além de visar à conservação, investigação, comunicação, reúne características que a distinguem de outros tipos de museus, porque antes de tudo, foi uma casa, mantém a atmosfera doméstica. Impelidos por estas reflexões, especialistas ligados ao ICOM criam, em 1998, o Demhist.

O presidente do comité nos primeiros anos, o italiano Giovanni Pinna, observa que nesta tipologia, a ênfase é colocada não no valor de objetos individuais, mas em todo o conjunto de objetos e sua interação com o carácter das pessoas que ali viveram (Pinna, 2001, p. 4). Neste cenário, o autor observa também a tentativa de Ornella Selvafolta e Rosanna Pavoni em categorizarem as casas-museu.

Ainda em 1997, na reunião do ICOM em Génova em que se é proposto criar o comité para as casas históricas, estas autoras observam uma necessidade imperativa em romper com a unidade da definição de casa-museu e propõem diversas subcategorias: palácios reais, casas dedicadas a pessoas ilustres, casas criadas por artistas, casas dedicadas a um estilo ou época, casas de colecionadores, casas onde se conservam coleções, casas de família, casas com identidade sociocultural específica (Pinna, 2001, p. 8).

¹⁰ Em 2019 ocorreram movimentações para alteração desta definição, mas ainda é a vigente.

Em sua dissertação António Ponte (2007, pp. 28-29, cap. 1) compara subcategorias formuladas em quatro trabalhos.

Pavoni, que também é italiana e também foi presidente do Demhist, após mais de uma década da proposição realizada em parceria com Selvafolta sugere, em 2012, nove subcategorias em vez das oito iniciais (pp. 3-4).

Após tantas tentativas em subcategorizar as casas-museu, parece fazer sentido a colocação de Márcio Doctors sobre a diversidade destas:

A ideia de musealizar a vida de um indivíduo é o que melhor caracteriza o que vem a ser uma casa museu. Acredito que, a partir desta definição, poderemos perceber a especificidade e os limites dos museus em que trabalhamos e repensar sua importância no conjunto dos museus. [...] Teremos tantas casas museus quantos forem os tipos diferentes de vida que desejarmos conservar. (Doctors, 2010, p. 41)

2. Casas-museu em Portugal

As casas-museu em Portugal têm um crescimento acentuado a partir da década de 1970. Para Ponte, a Revolução de 1974 e a entrada de Portugal na União Europeia, em 1985, podendo então usufruir dos fundos comunitários, figuram entre os principais motivos para tal crescimento.

Outro ponto analisado pelo autor é o facto de a maior parte das casas-museu estarem na Região Centro, em Lisboa e Vale do Tejo e na Região Norte, o Alentejo tem baixa concentração deste tipo de museu. (2007, p. 14, cap. 2).

António Ponte (2007, p. 3, cap. 2) refere, ainda, ter solicitado à Rede Portuguesa de Museus que lhe fornecesse uma lista de todas as instituições museológicas nas quais

constasse o termo “casa”. Destas 113, 75 designavam-se casas-museu, contudo ao verificar se o eram, constatou-se que a maior parte não se integrava na definição que propunha.

A análise dos inquéritos em estudo, assim como de outras fontes de informação e as entrevistas realizadas permitem verificar que algumas das denominadas casas-museu não passam de meras salas de exposição sobre variadas temáticas, outras podem ser consideradas estruturas museológicas generalistas, outras ainda podem ser classificadas como museus de arte, etnográficos ou de personalidade. (2007, p. 47, cap. 2)

3. A casa-museu do Paço de São Miguel

O Paço de São Miguel é uma casa-museu. Basta tomar a definição proposta por Pinna ou a de Cabral (2001, p. 41), a qual defende que em uma casa-museu o edifício, a coleção e o proprietário são indissociáveis. Isto efetivamente é o que ocorre no Paço, o casal viveu sob aquele teto, utilizando aqueles artefactos, nas Reservas há um cesto de costura de Maria Teresa em que o *tricot* está pelo meio.



Figura 11. Cesto de costura de Maria Teresa Eugénio de Almeida

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

O facto de ser considerado casa-museu somente o espaço que assim é denominado não se sustenta, já que como comprovou Ponte, em Portugal alguns destes seriam salas de exposição, museus de arte etc.

Se fossêmos classificar o Paço com a categorização mais recorrente, este seria designado como uma casa-museu dedicada a pessoa ilustre, ainda que não leve o nome de Vasco Vill'Alva. Há, inclusive, um motivo para que não tenha tal denominação: a área de Património acredita que é mais adequado o nome Paço de São Miguel do que Casa-Museu Eugénio de Almeida, Vasco Vill'Alva ou algo do género porque, tal como já exposto, o Pátio possui diversas camadas temporais. O palácio já foi conhecido por Paço dos Condes de Basto, todavia, compreendeu-se que Paço de São Miguel seria de certa

forma mais neutro, já que esta era a designação original do espaço. Além de casa-museu, o Paço é também um monumento classificado e património, que, ademais, já sediou o 7º encontro de Casas-museu em Portugal, em 2016.

3.1 - Constituição da casa-museu no Paço de São Miguel

A criação da casa-museu no Paço de São Miguel efetua-se de uma maneira orgânica. Vasco Maria adquire o Pátio no final da década de 1950, e após as obras de restauro, torna-se a segunda residência da família.

O espaço é deixado para a Fundação, porém ele não especifica como deveria ser utilizado, nem o que deveria ser feito com os bens móveis. Maria Teresa doa a esmagadora maioria dos bens móveis à Fundação, deixando-lhe em legado testamentário tantos outros, alguns até provenientes da Casa de Santa Gertrudes.

Enquanto a condessa permanecia no Paço permitia que as pessoas o visitassem. Após a doação dos bens móveis, realizam-se obras (2011-2012) no Pátio sob a direção do arquiteto Francisco Barata, adapta-se uma cozinha em outro ambiente da residência, proporcionando mais conforto e privacidade à viúva do instituidor, e para que o palácio pudesse receber visitas de maneira mais autónoma.

Em 2013, para comemorar os 50 anos de instituição da FEA, o palácio é aberto ao público - ainda sem as peças, pois estas haviam sido levadas para um armazém, devido às obras de reabilitação - e fica patente no piso térreo a exposição *Deus, Labor Et Constantia*.

De 2014 a 2018 é aberto para visitas guiadas e, após a exposição *Say Cheese*, passa a funcionar em horários pré-estabelecidos durante os finais de semana.



Figura 12. Exposição Say Cheese - Sala de Bilhar

Fonte: Acervo FEA



Figura 13. Exposição Say Cheese - Sala da Virtude

Fonte: Acervo FEA

3.2 - Objetivos do Paço de São Miguel

A abertura do Paço de São Miguel ao público tem como objetivo:

- a) Contribuir para a afirmação da excelência da cidade de Évora como destino turístico de âmbito cultural, histórico e artístico, enquanto cidade classificada pela UNESCO como Património da Humanidade, com os consequentes benefícios para o desenvolvimento económico da região.
- b) Atrair à cidade de Évora um maior número de visitantes, através da diversificação da oferta cultural que a possibilidade de fruição da singularidade do património edificado e móvel da Fundação Eugénio de Almeida representa;
- c) Conservar e dar a conhecer aos habitantes da cidade e às populações residentes na sua área de influência, o património cultural de que a Fundação Eugénio de Almeida é legatária, concorrendo para o reforço da identidade local;
- d) Preservar a memória do papel empreendedor da família Eugénio de Almeida na cidade de Évora e, a um nível mais vasto, na região Alentejo, em especial através da figura benemérita e filantrópica do seu instituidor, Eng. Vasco Maria Eugénio de Almeida, Conde de Vill'Alva;
- e) Promover a investigação científica nas áreas temáticas que contribuam para aprofundar quer o conhecimento do património cultural em causa, em si mesmo, quer a sua compreensão contextual diacrónica ao nível nacional e transfronteiriço.¹¹

3.3 - Serviço Museológico

¹¹ Excerto de documento interno redigido pela área de Património e Investigação.

Por se tratar de uma casa-museu, a interferência visual deve ser a mínima possível. Quanto à iluminação, para além da luz natural, esta é realizada por candeeiros e lustres que já havia na casa; em duas salas, paralelamente, há equipamento mais moderno, porém minimalista. De salientar que as janelas da Sala da Virtude costumam ficar fechadas para evitar exposição solar, quando há visitas, entretanto, são abertas. Para monitorizar a temperatura, humidade, luminosidade utilizam um *data logger*, este também discreto, colocado em lugares específicos, nos quais, na maior parte das vezes, os visitantes não vêem. Em relação aos *QR Codes*, fui incumbida de decidir onde colocá-los, não sendo uma tarefa simples porque não podem ficar nem demasiado escondidos, nem demasiadamente intrusivos.



Figura 14. Data logger

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 15. QR Code

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Ainda neste contexto, esta foi mais uma das situações em que acompanhei as etapas de um processo. Defendi junto do meu Orientador Técnico e Coordenador da Área de Património, Rui Carreteiro, que as salas deveriam apresentar algum tipo de informação,

já que quem faz a visita livre, acabava por não ter acesso à história, às particularidades dos objetos. Ele me explicou sobre o intuito de colocar algo discreto e que os *QR Codes* estavam sendo produzidos. Pouco antes do fim do estágio recebemos os artigos, assim como uma placa com horário de funcionamento para a Coleção de Carruagens, outro comentário que eu havia feito, uma vez que visitantes que chegassem ali no horário de almoço ou às segundas-feiras (momentos de encerramento) ficariam sem saber sobre o funcionamento, a menos que consultassem a página da FEA na internet.

Quanto à acessibilidade, caso o visitante utilize cadeira de rodas conseguirá aceder a Coleção de Carruagens e ao piso térreo do Paço de São Miguel. No âmbito do projeto Acrópole XXI sugeriu-se um elevador que facilitaria o acesso do Largo dos Colegiais ao Pátio, mas seria uma obra bastante invasiva na Torre dos Capitães e por isso não foi concretizada. Pelo facto de Évora possuir o título de Património Mundial, a sinalética exterior também requer autorização da Câmara Municipal; inclusive, uma das questões que coloquei foi o motivo de não existir algo mais apelativo na entrada do Pátio pelo Largo Mário Chicó.

A segurança das peças é feita pelos colaboradores, além de sistema de deteção de incêndio. Ressalta-se que quando o espólio esteve em um armazém para as últimas obras de requalificação também havia câmaras e proteção contra incêndio. Os vidros do 1º andar têm proteção UVA e em algumas salas é necessário o desumidificador. Quando os visitantes estão com mochilas grandes são orientados a deixá-las em um sítio específico até ao fim da visita. Nas salas em que existem tapetes há uma alcatifa por cima destes para evitar a deterioração.

O serviço educativo, que fica baseado no Centro de Arte e Cultura, realiza parcerias com escolas, além de propor atividades para serem realizadas em família nos espaços do Pátio.

Os produtos para venda, como ímanes, livros e sacos encontram-se na Coleção de Carruagens.

A comunicação é feita por desdobráveis, página virtual da FEA, redes sociais e MUIPs, a programação da área de Património também compõe a brochura do serviço educativo.

No âmbito da investigação, são realizadas conferências que versem sobre Évora, o espaço, a família, o arquivo.

O Paço não integra a Rede Portuguesa de Museus, mas sim a Associação Portuguesa de Jardins Históricos. A partir de 2014, com o impulso inicial da Universidade, através do CIDEHUS, tem-se vindo a estruturar a Rede de Museus e Equipamentos Culturais de Évora, projeto que mereceu apoio estatal (2017-2019) através do Alentejo 2020, e que integra diversas tutelas tanto públicas quanto privadas. Neste momento encontra-se já calendarizada a entrada em funcionamento de um sistema de bilhética comum, o qual constituirá certamente uma mais-valia para os equipamentos patrimoniais e museais da cidade.

3.4 - Funcionamento

O Paço de São Miguel funciona aos sábados e domingos, entre outubro e maio das 15h às 18h e de junho a setembro das 17h às 20h, com bilhete no valor de 2 €, que também dá acesso ao Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida e à Coleção de Carruagens. Também ocorrem visitas guiadas de terça-feira a domingo, por 3,50 €, mediante marcação prévia e mínimo de 5 pessoas, inclui mediação ao ABEA e visita livre à Coleção de Carruagens. Há desconto de 50 % e gratuidade para algumas categorias de público.

Aos fins de semana estão em serviço duas colaboradoras da FEA e duas voluntárias, as quais se dividem entre ABEA e Paço. As visitas guiadas são realizadas por funcionários do serviço educativo da instituição, que além dos pedidos espontâneos, também realizam visitas sobretudo com público escolar, por colaboradoras externas ou pelo coordenador da área de Património. As visitas duram em média uma hora e trinta minutos, tendo o tempo compartilhado entre Arquivo e Biblioteca e o Palácio. Existe um guião para direcionar os mediadores.

3.5 - Espaços do Paço de São Miguel

Atualmente, estão abertas ao público seis salas no piso térreo e três no primeiro andar. A referência que utilizarei aqui é parte da informação que os visitantes recebem quando utilizam seus telemóveis para lerem os *QR Codes*.

Hall

Neste ambiente destacam-se nove machados do Neolítico encontrados em uma herdade da Fundação, assim como um caldeirão também encontrado numa das propriedades, dentro de um poço.



Figura 16. Machados do Neolítico

Fonte: Acervo FEA

Copa

Na copa estão dois aparadores, existem peças de loiça que levam o monograma da família Eugénio de Almeida, sobretudo da Vista Alegre. Em cima da mesa, estão também duas colheres com monograma da família, que pertencem a um faqueiro Christofle.

A aquisição de utilitários domésticos, mobiliário e artes decorativas de marcas prestigiadas, por se encontrarem entre os fornecedores das principais casas reais europeias, constituía uma forma de ostentar um trem de vida de acordo com o poder económico e o estatuto social dos Eugénio de Almeida.¹²

O ponto alto deste ambiente é algo que não pode ser fotografado: é a sensação de conforto, acolhimento. Já que passamos pelas outras salas tão grandes e suntuosas e ao

¹² Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimnio-cultural/6377-copa>. Acesso: 10 de junho de 2019.

chegar nessa divisão mais pequenina, com iluminação diferente, parece que vamos tomar chá com os anfitriões.

Cozinha

Com azulejo, inserido provavelmente durante as obras de qualificação de meados do século XX, chama a atenção a baixela¹³ (adquirida principalmente pelo 1º Conde de Vill'Alva).

Destacam-se ainda uma porta com acesso aos aposentos de Maria Teresa Eugénio de Almeida, na qual poderia supervisionar, instruir os funcionários, e um quadro, no qual se especificam os afazeres diários, vale ressaltar que desde José Maria Eugénio de Almeida esta era uma prática comum na família, visto que no palácio de São Sebastião da Pedreira também havia estas instruções.

¹³Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimnio-cultural/6376-cozinha>. Acesso: 10 de junho de 2019.

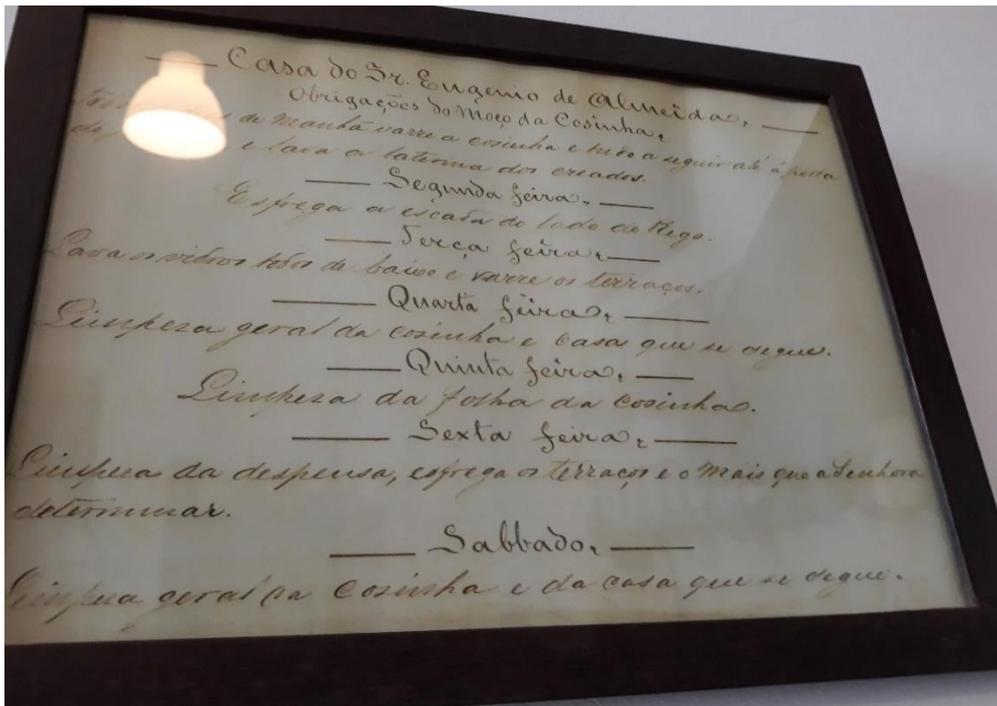


Figura 17. Quadro de tarefas

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 18. Visão da cozinha a partir dos aposentos de Maria Teresa

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Jardim

Local que estava abandonado, quando da aquisição de Vasco Maria. Além das espécies vegetais, destaca-se pelo Oratório integrado ao pano da muralha e pela Casa de Fresco com seus embrechados, dali podemos ver também uma janela manuelina-mudéjar proveniente do solar dos Morgados Pegas que se situava na Rua da República, é possível que seja de reaproveitamento do Palácio de D. Manuel.¹⁴



Figura 19. Jardim em 1958

Fonte: Acervo ABEA

¹⁴ Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimnio-cultural/6379-jardim>. Acesso: 10 de junho de 2019.



Figura 20. Oratório

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Loggia

Nas obras de qualificação, o ambiente que hoje recebe o nome de *Loggia* não condizia com esta designação - estava fechado e compartimentado, servindo de moradia para algumas famílias - assim, optou-se por retomar o que seria a configuração original. As paredes estão revestidas de azulejos, e dali avista-se o esgrafito da fachada, como também as janelas em estilo manuelino-mudéjar que estavam entaipadas. Também se vê a Porta da Traição, a qual é “uma tipologia presente na estrutura arquitetónica de

fortificações como foi outrora o castelo de Évora, utilizada como passagem de fuga, em caso de retirada das tropas sitiadas, encontrando-se, por isso, em regra, em locais íngremes e de acesso difícil”.¹⁵

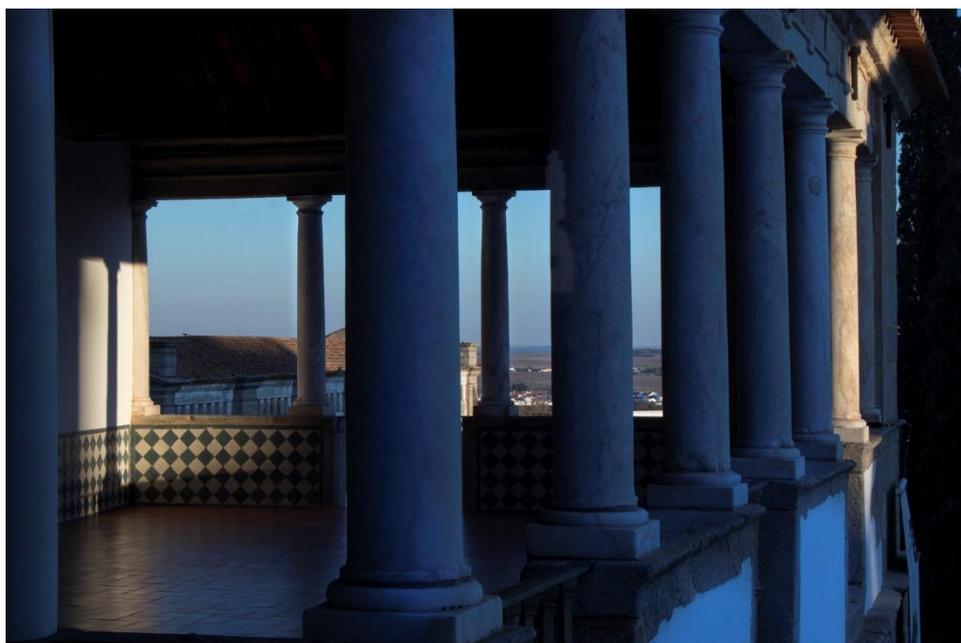


Figura 21. Loggia

Fonte: Acervo FEA

Sala do Amor ou Oval

A Sala do Amor, além dos tetos pintados, anteriormente mencionados, possui mobiliário em estilo Luís XV, revivalismo ao gosto do século XIX. Além de um candeeiro em loiça com as armas da família Eugénio de Almeida.¹⁶

¹⁵ Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimonio-cultural/6378-loggia>. Acesso: 10 de junho de 2019.

¹⁶ Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimonio-cultural/6368-psm-sala-do-amor>. Acesso: 10 de junho de 2019.



Figura 22. Sala do Amor

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Sala de Bilhar

Além das mesas de bilhar que denominam a sala, chamam a atenção os retratos da família real portuguesa que mantinha amizade com os Eugénio de Almeida, bem como o retrato de José Maria, com moldura de madeira e o monograma da família, e os trajes de Par do Reino de José e Carlos Maria.¹⁷

¹⁷ Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimonio-cultural/6374-sala-de-bilhar>. Acesso: Acesso: 10 de junho de 2019.



Figura 23. Traje de Par do Reino

Fonte: Acervo FEA

Sala do Friso de Diana ou da Lareira

Destaca-se pelo Friso de Diana, lareira e tapeçaria. Chama a atenção um álbum de fotografias, intitulado: Visita à Madeira.

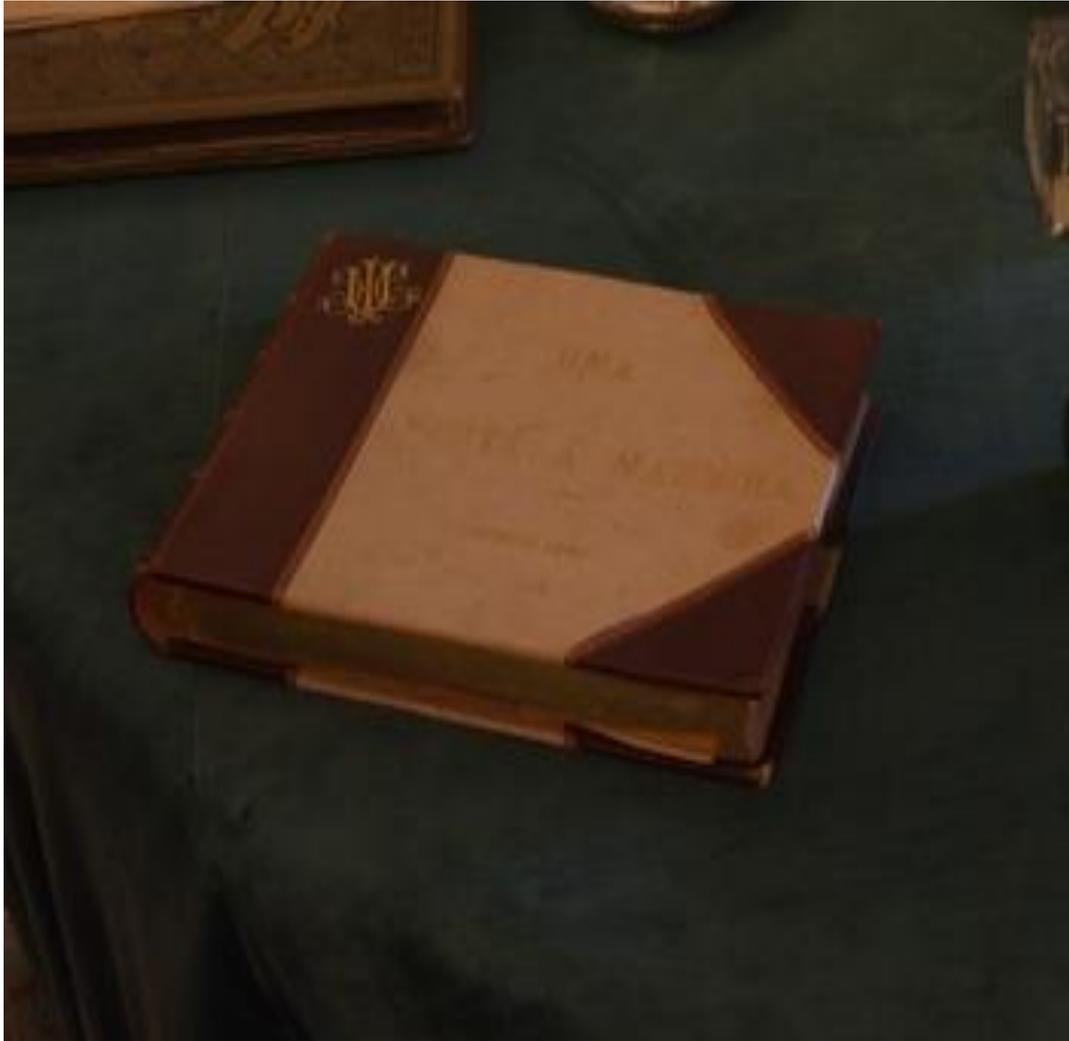


Figura 24. Álbum de fotografias

Fonte: Acervo FEA

Sala da Tomada de La Goletta ou da Fama

Na outra sala que integra o conjunto dos tetos pintados, chamam a atenção os objetos de cobre e os individuais em estanho sobre a mesa.



Figura 25. Forma para bolo

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Sala Ramalho Ortigão

Recebe este nome devido a um retrato em carvão do escritor, amigo de Eça de Queiroz e bisavô de Maria Teresa Eugénio de Almeida. Integram o espaço esculturas, um armário em estilo *chinoiserie* e dali se acede à galeria que dá para o jardim. Esta divisão é conhecida também como Sala da Conversadeira ou da Namoradeira, devido ao móvel exposto. Nela se destaca, ainda, a vista que se tem do jardim em primeiro plano e toda a zona envolvente.



Figura 26. Sala Ramalho Ortigão

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Sala da Virtude, de Audiência ou das Armas

Nesta sala destacam-se o biombo chinês, os jogos de mesa, retratos das quatro gerações da família, assim como lustres em formato de águia, o símbolo familiar.¹⁸ Evidencia-se também uma mesa de xadrez, na qual o tampo já é a base para o jogo.

¹⁸ Disponível em: <https://www.fea.pt/patrimonio-cultural/6369-sala-da-virtude>. Acesso: 10 de junho de 2019.



Figura 27. Mesa de xadrez

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Galeria das Escadas

A galeria das escadas não é aberta à visitação, porém   possível ver um oratório e o esgrafito característico do Paço.



Figura 28. Galeria da escada

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Escadas

Nas escadas há uma cantoneira com livros, destaca-se um exemplar de *História da origem e estabelecimento da Inquisi o em Portugal*, da autoria de Alexandre Herculano.

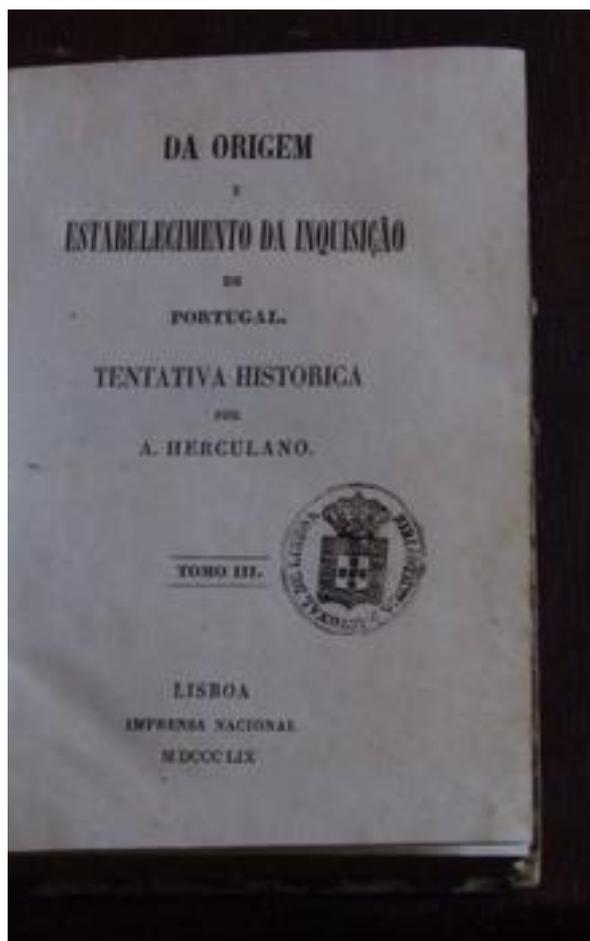


Figura 29. Livro de Alexandre Herculano

Fonte: Acervo FEA

4. Utilização atual dos espaços do Pátio de São Miguel

Embora estes lugares estejam no exterior do Paço de São Miguel, eles se integram à história do Paço e da família. Ali estão a cafetaria, casas que servem como residências artísticas, camarins, além de uma moradia para o caseiro da FEA.

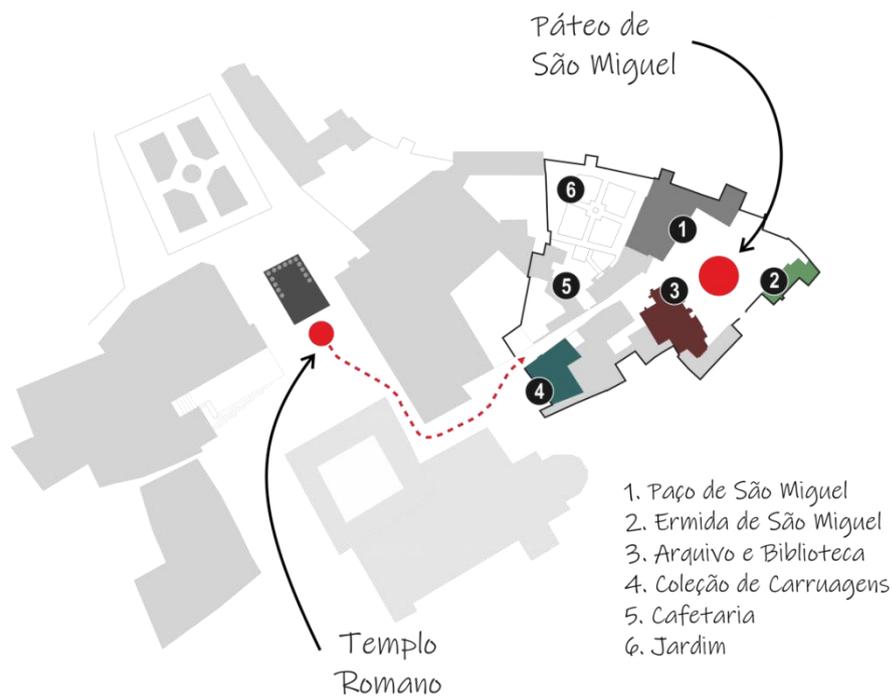


Figura 30. Equipamentos do Pátio

Fonte: Site da FEA

4.1 - Coleção de Carruagens

Diferente do Paço, onde os espaços foram musealizados e mantêm as últimas funções - alterou-se somente alguns detalhes para melhor fruição dos visitantes - a Coleção de Carruagens sofreu uma intervenção mais profunda.

Neste espaço estão quatro carruagens da família, além de objetos que privilegiam uma narrativa sobre as sociabilidades de uma família burguesa de finais do século XIX.

4.2 - Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

É possível que este ambiente diferencie o plano museológico do Paço de São Miguel. O coordenador da área de Património da FEA possui especialização em Ciências Documentais e, por entender a importância dos Arquivos, incluiu este espaço nas visitas guiadas - independente da faixa etária. Por meio dos documentos e das cartas, por exemplo, conseguimos perceber melhor quem eram estas pessoas. Isso permite que os visitantes se aproximem das personagens.

Felizmente, ao contrário do que aconteceu noutros casos, a unicidade e a integridade do arquivo da família Eugénio de Almeida foi preservada pelas sucessivas gerações, não só como reconhecimento do seu valor enquanto sistema de informação que servia de suporte ao exercício de suas atividades, mas também como um repositório da memória familiar que, com frequência, se cruzou com a história e os destinos do país, em especial das comunidades onde o nome Eugénio de Almeida criou laços de proximidade e raízes profundas, como foi a cidade de Évora. (Carreteiro, 2019, pp. 67-68)

A integridade¹⁹ aludida permite explorar aspetos do quotidiano, tais como: correspondência familiar ou quando se deu a compra de determinado bem. Este é um ponto muito importante em uma casa-museu, desse modo é possível fazer uma cronologia: quando os objetos foram comprados, em quais circunstâncias. Isabel Mendonça (2014) com investigação no Arquivo Eugénio de Almeida e acesso ao mobiliário faz um trabalho sobre a recorrência de peças da oficina de *Fourdinois* no Palácio de São Sebastião da Pedreira e que chegaram aos nossos dias por comporem atualmente o espólio do Paço de São Miguel.

¹⁹ Este espaço museológico da Fundação é singular em muitos sentidos, além do ABEA, a unicidade do mobiliário do Paço também é rara de se encontrar, assim como o programa fresquista.

Como se observa, o acervo do ABEA permite infindáveis temas de investigação. São “cerca de 35.000 títulos na Biblioteca e milhares de documentos no Arquivo completando, no seu conjunto, 1115 metros lineares de documentação.”²⁰

4.3 - A Ermida

A Ermida de São Miguel é aberta atualmente duas vezes ao ano, para missa de aniversário do instituidor da FEA, a 30 de agosto, e pelo Natal. Houve muitas descaracterizações, assim, o que a diferencia é a sua história.

²⁰ Disponível em: <https://www.fea.pt/1933-fundacao-eugenio-de-almeida-inaugura-arquivo-e-biblioteca-eugenio-de-almeida>. Acesso: 18 de fevereiro de 2019.

Capítulo IV- O estágio

O período de estágio decorreu entre março e junho de 2019. O planeamento inicial consistia em atualizar o inventário realizado em 2010 - feito num contexto de doação de bens de Maria Teresa Eugénio de Almeida à Fundação Eugénio de Almeida, i.e., tratava-se mais de um inventário de existência do que propriamente museológico - e musealizar duas divisões do Paço de São Miguel, que viriam a ser escritório e quarto, uma vez que os visitantes não tinham acesso a espaços de intimidade da casa, pediam por isso, e a área de Património da instituição julgava pertinente tal demanda.

Começo a expor esta experiência pela parte da musealização, seguindo-se o inventário, outras atividades relacionadas ao Paço de São Miguel e, por último, ao Património da FEA. De salientar que estas ações estiveram permeadas por discussões conceituais e preocupação com meu crescimento pessoal e profissional. O Dr. Rui Carreteiro esteve sempre me orientando, quer sobre a melhor maneira de utilizar programas informáticos, quer como fotografar corretamente, para deixar aqui alguns exemplos, assim como ouvindo e levando em conta minhas sugestões.

1. Musealizar divisões

O cesto de costura de Maria Teresa, abordado na página 42, seria exposto em uma divisão que será aberta ao público. Segundo Vieira (2017, p. 141), este seria o processo de musealização:

O processo de musealização é apresentado, pelos teóricos da museologia, como o movimento dotado de reflexão em que o produto humano (artefato ou

mentefato), utilizado e expressado em suas diversas atividades, passa a fazer parte da coleção de um espaço institucionalizado, que é denominado museu. Para a museologia, este processo ressignifica o produto humano atribuindo-lhe um novo estatuto, tornando-o “objeto de museu” ou “musealia”. Nesta condição, o item da cultura material, se torna único, eleito por sua condição simbólica, como o representante de sua categoria. Através dele, seria possível reconstituir contextos sociais, econômicos, políticos, culturais, religiosos, etc.

Ou nas palavras de Ponte (2007, p. 7, cap. 1) “[...] um processo de transformação, processo este que dará a dimensão pública a um espaço eminentemente privado.”

O objetivo era musealizar e abrir aos visitantes dois novos espaços. As pessoas almejavam ter acesso aos espaços íntimos (inclusive, ao acompanhar uma visita guiada com estudantes do secundário, ouvi-os perguntarem à guia sobre isto). Porém, para chegar ao quarto do casal - na década de 1970 era o quarto de casal, quando o marido morre, Maria Teresa transfere-se para outra divisão; contudo, com a saúde debilitada nos últimos anos volta ao primeiro aposento - era necessário passar por outro ambiente, que à época da condessa era um quarto de vestir, mas que passaria agora a escritório.



Figura 31. Sala PSM1/D05

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 32. Escritório

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 33. Quarto

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Estava definido que diferente dos outros espaços do Paço - os quais se encontram praticamente como quando utilizados, exceto alguns objetos retirados, alterados de lugar para melhor fruição do espaço - estes seriam como que uma ilustração. O escritório seria genérico, ou seja, poderia ter sido de qualquer um ou de todos os senhores Eugénio de Almeida, e pairava a dúvida se o quarto deveria representar o do casal ou o da viúva. Expus que para mim tanto o escritório como o quarto deveriam ser de Maria Teresa Eugénio de Almeida, pelos motivos que listo a seguir: já existe o ABEA com o mobiliário de escritório utilizado pela família, não sabíamos como era o quarto do casal em Évora, já que Vasco morrera há mais de 40 anos, existindo, no entanto, vídeos do quarto de Maria Teresa, assim como de seu escritório. Outro motivo é que ela fora a pessoa que mais tempo vivera na casa hodiernamente. A FEA julgou pertinente essas colocações.

Logo, comecei a consultar o inventário e os vídeos feitos antes das obras de 2011, que mostravam como a condessa utilizava os espaços. Em seguida, com as dimensões dos ambientes fomos vendo o mobiliário que seria apropriado, examinando nas Reservas o estado de conservação destes; simultaneamente, analisamos fotos da Casa de Santa Gertrudes, a residência principal do casal e por fim musealizamos as duas divisões. Para isso, retiramos objetos de um armário que seria utilizado no escritório, passamos aspirador no tapete, mostramos aos funcionários da transportadora quais móveis deveriam ser trazidos aos ambientes etc.

Os visitantes passariam então pelo escritório de Maria Teresa - sugeri ainda que houvesse uma foto de sua sobrinha Maria Isabel Bello Serpa Pimentel²¹, já que esta impulsionou a mudança do casal para o Paço de São Miguel, concebendo assim uma narrativa para o espaço - até chegarem ao seu quarto, onde haveria uma barreira de proteção a fim de transmitir a ideia de privacidade, e a casa de banho ficaria com a porta entreaberta para que as pessoas soubessem o que havia, mas respeitassem a atmosfera privada. Por fim, a instituição optou por reconstituir no escritório, o quarto de vestir que existia anteriormente e converter o segundo ambiente em quarto do casal.

Contudo, de maio a setembro de 2019, ocorre o espetáculo *Está aí alguém?* - visitas encenadas ao Paço de São Miguel. Neste contexto, para um dos atos, os atores necessitavam de um gabinete, assim o escritório que constituímos, ali permanece. Ao findar estas apresentações tornar-se-á então o quarto de vestir.

²¹ Maria Isabel nasceu no Lobito, Angola em 1949. Em 1969 decide estudar no ISESE. Desta maneira os tios que viviam na Quinta do Valbom preferem ir para o Paço de São Miguel. A jovem vem a falecer em 1971. Ver Maria Elvira Marques, Vasco Vill'Alva: uma presença no Alentejo: (1913-1975), pp. 42-43.

Devido ao facto de que o estágio acabaria antes das apresentações e eu já não estaria na FEA para fazer as modificações, compartilhei todas as minhas sugestões de mobiliários, objetos e disposição destes, para a futura alteração.

Foi bastante produtivo ter a experiência de passar por todos os processos, do início ao fim, pensar em cada detalhe, por onde as pessoas vão caminhar, o que elas enxergam em determinado ângulo, quais sensações os objetos lhes podem produzir etc.

2. Inventário

A Lei 107 de 2001, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural português, declara no seu Artigo 61º: “Os bens inventariados gozam de protecção com vista a evitar o seu perecimento ou degradação, a apoiar a sua conservação e a divulgar a respectiva existência.”

A Lei Quadro dos Museus Portugueses, Lei n.º 47/2004, dispõe no 2º Parágrafo do 16º Artigo: “O inventário museológico visa a identificação e individualização de cada bem cultural e integra a respectiva documentação de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza e características.”

E sobre a ficha de inventário, no Artigo 19º:

1 — O museu elabora uma ficha de inventário museológico de cada bem cultural incorporado, acompanhado da respectiva imagem e de acordo com as regras técnicas adequadas à sua natureza.

2 — A ficha de inventário museológico integra necessariamente os seguintes elementos: a) Número de inventário; b) Nome da instituição; c) Denominação

ou título; d) Autoria, quando aplicável; e) Datação; f) Material, meio e suporte, quando aplicável; g) Dimensões; h) Descrição; i) Localização; j) Historial; l) Modalidade de incorporação; m) Data de incorporação.

3 — A ficha de inventário pode ser preenchida de forma manual ou informatizada.

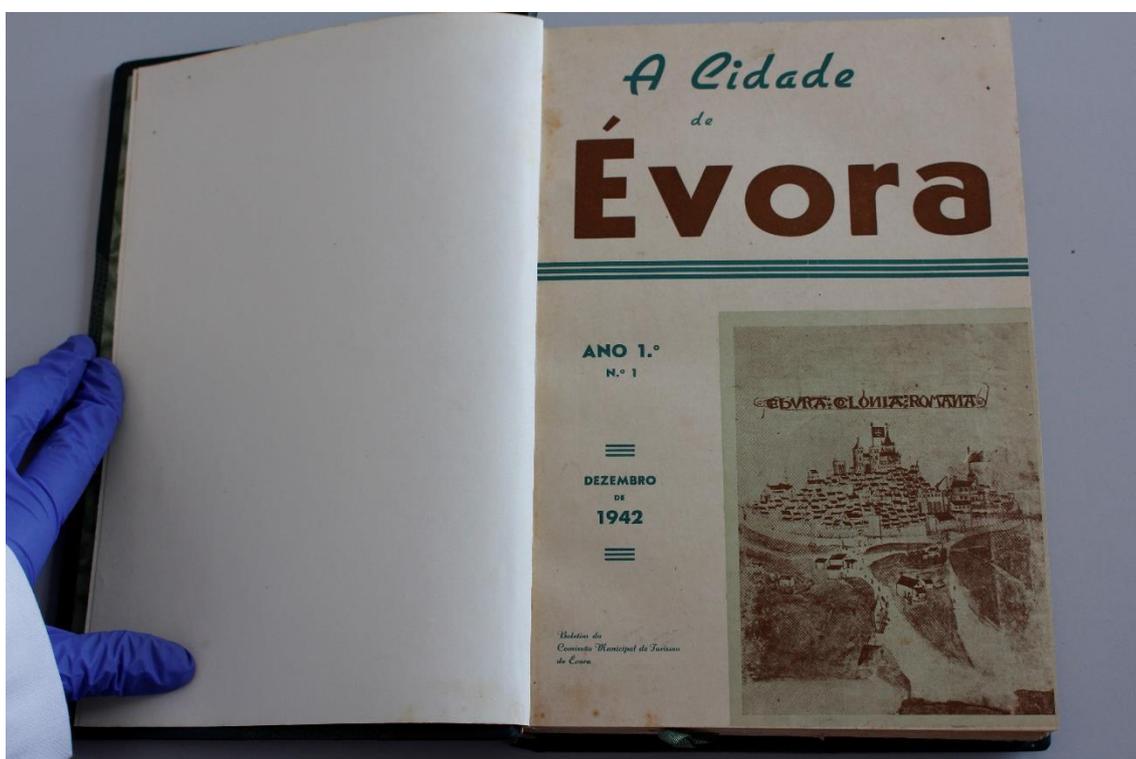


Figura 34. Catalogação dos livros

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Conforme as leis explicitam, o inventário é extremamente importante para identificação e conservação das peças. Desta matéria tratava-se a outra atividade de estágio a ser executada.

O inventário do Paço de São Miguel foi realizado, entre 3 de setembro de 2010 a 4 de outubro de 2010, por três profissionais, no âmbito da doação realizada por Maria Teresa Eugénio de Almeida. Foram catalogados 7049 itens. Este inventário visava mais inventariar a existência das peças do que propriamente ser um inventário museológico. No entanto, após este levantamento, as peças estiveram em um armazém enquanto o palácio passava por obras de qualificação. Desde que voltaram não houve uma verificação, pelo que seria importante confirmar as divisões em que se encontravam, estado de conservação e, sobretudo, que foi a atividade na qual mais tempo estive empenhada, proceder ao registo único das peças, tal como postulado pelo 2º Parágrafo do 16º Artigo da Lei Quadro dos Museus Portugueses.

Para fazer a verificação e atualização, deslocava-me ao Paço com o inventário impresso, e, de acordo com a descrição e imagem, conferia se o objeto estava naquela determinada divisão. Ao me deparar com armários livreiros, observei que a quantidade de livros não coincidia com o inventário. Assim, posteriormente fotografei os livros excedentes.

N.º de inventário	Descrição	Mat. / Medidas / Unidades
PCB1.D02/006.016.doc	Bolotas de presença de Vasco Maria Eugénia de Almeida nos autos da Comissão de Exame do Exatidão (1936). Fotografia(s): 1726	Papel 1
PCB1.D02/006.016.doc	Lista de cursos do Instituto Superior de Agronomia, com classificações e quadros relativos a professores e alunos entre de 1935-1939. Fotografia(s): 1725, 1727	Papel 1
PCB1.D02/006.017.doc	Sobretas escolares e académicas de Vasco Maria Eugénia de Almeida. Fotografia(s): 1744, 1754	Papel 11
PCB1.D02/006.018.doc	Cadernos de apontamentos da Sra. D. Maria Teresa Eugénia de Almeida (Condessa de Valf Alva). Fotografia(s): 1674, 1676, 1677, 1681-1716	Papel 39
PCB1.D02/006.019.doc	Cadernos de apontamentos escolares e académicos do Sr. Eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida (Conde de Valf Alva). Fotografia(s): 1675, 1678, 1680, 1717, 1721, 1724-1735	Papel 24
PCB1.D02/006.020.doc	Herbário elaborado pelo Sr. Eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida, enquanto aluno, no jardim da viera ao Jardim Botânico realizada no dia 17 de Fevereiro de 1927. Fotografia(s): 1723	Papel 1
PCB1.D02/006.021.doc	Caderno de caligrafia do Sr. Eng.º Vasco Maria Eugénio de Almeida (Conde de Valf Alva). Fotografia(s): 1722	Papel 1

(PCB1.D02) Sala da lareira

Figura 35. Inventário

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

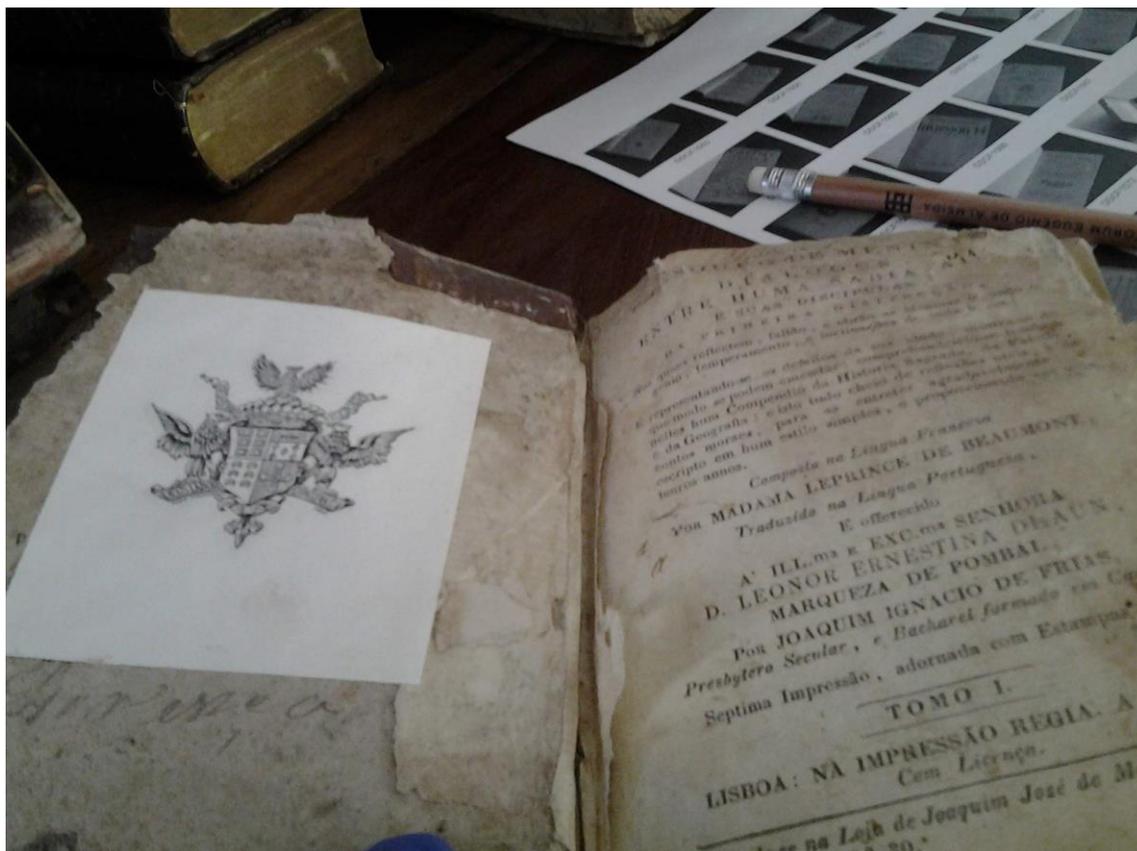


Figura 36. Verificação de inventário

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

O objetivo era conferir as 7049 peças e individualizar todas as fichas. Porém, caso não houvesse tempo, confirmar localização e estado de conservação de todas as peças expostas e realizar a individualização. Conferi todas as peças em exposição, passando para o banco de dados as informações coletadas, individualizei todos os objetos expostos e grande parte das Reservas, preenchendo integralmente mais de 1000 fichas. A atividade que mais tempo levou foi a individualização das fichas. Explico o procedimento com um exemplo: no Paço existe um jogo de cristal Baccarat com 517 peças, no banco de dados havia apenas um registo para todas estas peças, neste caso tive que criar outras 516 fichas de inventário, assim como com a baixela da cozinha de 90 peças, jogo de cadeiras, quadros, biombos, vasos, enfim, criar uma ficha para cada objeto que não estivesse individualizado. Isso é essencial para a gestão de um espaço museológico, para registar

quais peças receberam intervenção para conservação, para emprestar o objeto para outro museu, dentre outras situações.



Figura 37. Atualização de inventário

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

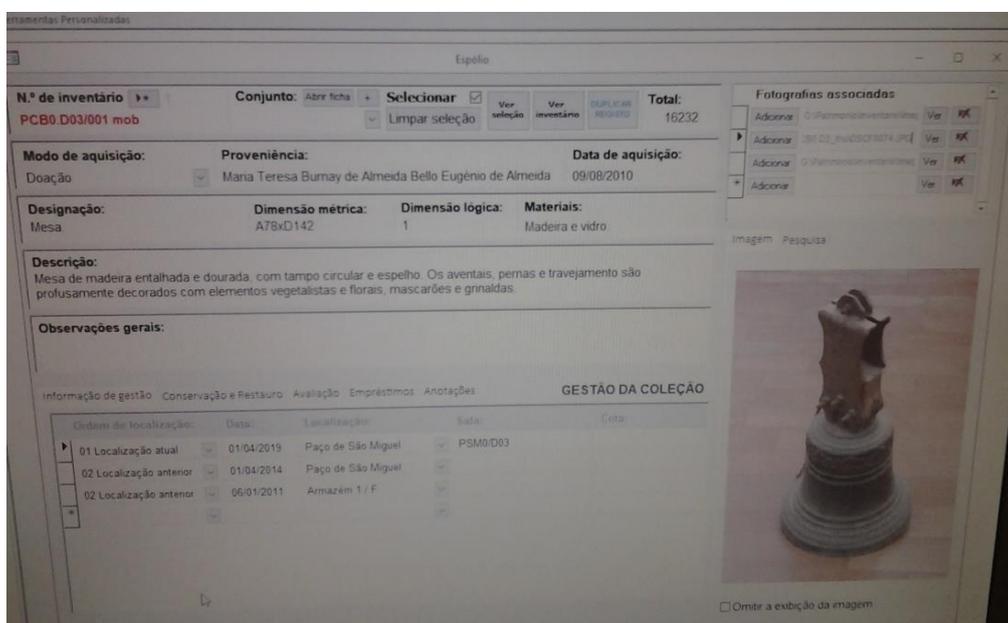


Figura 38. Inventário eletrônico

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

É uma atividade que deve ser realizada de maneira meticulosa, a Figura 38 ilustra uma situação, abri o banco de dados no computador da Coleção de Carruagens, porém como as imagens ficavam nos computadores de outro edifício não se visualizava a fotografia correta.

Além do campo da imagem, há o número de inventário, modo de aquisição, descrição, dimensão métrica, informação de gestão, conservação e restauro, avaliação, empréstimos, dentre outros.

O aprendizado foi imenso e sinto-me honrada em ter participado de algo tão importante para o desenvolvimento do Paço de São Miguel.

3. Atividades na casa-museu

A primeira atividade que efetuei foi recolher os *data logger*, descarregar os dados e colocá-los em seus respectivos lugares novamente; sendo que essa seria a minha responsabilidade em cada primeiro dia útil do mês, no tempo em que ali estive. Posteriormente, estes dados são encaminhados a uma consultoria para que se verifique se as condições no ambiente estão adequadas.

Este equipamento é indispensável porque deteta níveis de humidade, luminosidade, temperatura. Em um museu padrão a temperatura é ajustada para determinadas obras expostas, é possível separar telas em uma sala, esculturas em outra e assim por diante, já em uma casa-museu a situação se complica, porque na mesma sala estão tecidos, mobiliário, livros.

Neste sentido, observei ainda a conservação de mobiliário, que também é realizada por empresa externa. Acompanhei o funcionário da Câmara que verificava se havia algum felino no Pátio de São Miguel (os animais encontrados são levados para castração e depois devolvidos onde foram recolhidos), outro funcionário da Câmara que levou uma equipa para gravar *takes* do Paço e integrar um vídeo que seria veiculado na Feira de São João. Também acompanhei o profissional que alterou fechaduras das salas das Reservas.



Figura 39. Conservação

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 40. Filmagens no Paço

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Particpei de reuniões com a equipa do teatro, nas quais se discutia possibilidades do roteiro, de utilização dos espaços e mobiliário durante as visitas encenadas. Presenciei sessão de fotos institucional, dentro do Paço, para lançamento de nova safra do Pêra-Manca (vinho notável da FEA).

Rececionei um investigador no ABEA, organizei livros. Juntamente com o coordenador fui ao *Dialogue Café* sobre Património e à “2ª Ação de Sensibilização e

Capacitação de Gestores e Proprietários de Jardins Históricos”. Participei da criação do cartaz do *Évora Creative Market 2019*, assim como sempre fui convidada a dar minha opinião sobre cartazes, convites para as redes sociais, dentre outros.



Figura 41. Encontro da Associação Portuguesa de Jardins Históricos

Fonte: Associação Portuguesa de Jardins Históricos

Presenciar visitas guiadas foi benéfico, visto que via/ouvia tanto o modo pelo qual o serviço educativo transmitia as informações, como também a receção dos visitantes e seus comentários, em seguida repassava as sugestões aos responsáveis da Área de Património. Neste contexto, estive em visitas direccionadas à adolescentes, pré-adolescentes - sendo um grupo da Estremadura espanhola - estudantes da Universidade

de Évora, da licenciatura em Património Histórico e Cultural e a um casal, esta feita por uma mediadora turística de Évora.

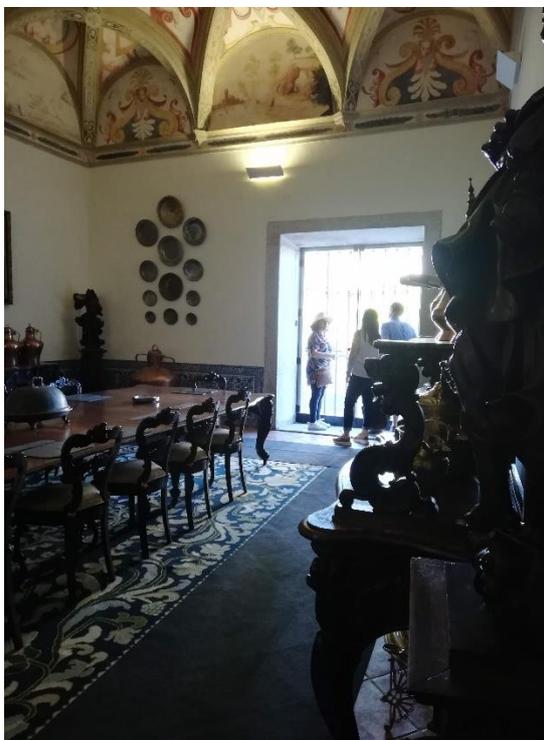


Figura 42. Visita guiada (casal)

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 43. Visita guiada (adolescentes)

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Pude ouvir o que as pessoas tinham a dizer também quando estive na bilheteira da Coleção de Carruagens. Muitos visitantes ali chegavam querendo conhecer o Paço, mas sem possibilidade, já que as visitas guiadas devem ser marcadas com antecedência e a visita livre ocorre aos fins de semana.

Na Coleção de Carruagens presenciei ainda uma atividade voltada às crianças, o serviço educativo da FEA costuma ao final das visitas propor algum exercício, neste caso, tratava-se de um desenho. Também acompanhei mais de 100 crianças de uma escola particular de Évora, que estiveram no Jardim do Paço para finalizar o projeto do semestre, neste período estiveram no Paço, ABEA, Coleção de Carruagens, Casas Pintadas, Centro

de Arte e Cultura e no último dia foi-lhes proposto desenharem o que mais haviam gostado e apresentar aos colegas, a seguir fizeram um piquenique no jardim.



Figura 44. Atividade infantil

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 45. Apresentação de atividade

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Recebemos dois estagiários da licenciatura em Património Histórico e Cultural da Universidade de Évora e fiquei responsável por acolhê-los e planear suas atividades. Estivemos mais horas a medir objetos, porque para individualizar as peças no Inventário era necessário registar as dimensões nas fichas.



Figura 46. Estagiários

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

4. Atividades relacionadas à Área Cultural e Património da FEA

As Casas Pintadas estão no CAC (Centro de Arte e Cultura), mas trata-se de um equipamento afeto à área de Património. Estivemos ali para arranjar uma proteção contra os raios solares - para conservação preventiva, os frescos não devem ter esta incidência constante - e também retirar teias de aranha. No dia 28 de março, Dia Nacional dos Centros Históricos, fui responsável por fotografar a visita guiada que aconteceu no espaço.



Figura 47. Visita Guiada - Casas Pintadas

Fonte: Raíssa Pereira, 2019



Figura 48. Conservação Casas Pintadas

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

No contexto das atividades do serviço educativo estive ainda em uma “Visita Desarrumada” (a proposta era que crianças e adolescentes fossem os curadores) no período em que o CAC estava sem exposição patente. Na ocasião também participei da desmontagem de uma exposição, ajudando a embalar as peças e preenchendo os respectivos Relatórios de Estado de Conservação. Embora estas atividades não tenham sido realizadas no âmbito de meu estudo sobre a casa-museu do paço de São Miguel, desejava participar porque seria uma oportunidade de apreender como as coisas funcionam nos bastidores.



Figura 49. Desmontagem Exposição

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

 A form titled 'RELATORIO DE ESTADO DE CONSERVAÇÃO | CONDITION REPORT' from the 'CENTRO DE ARTE E CULTURA'. The form contains various fields for recording the condition of an object, including:

- Esposições | Expositions
- Local | Location: CENTRO DE ARTE E CULTURA
- Unidade de Exposição | Exhibition Unit
- INFORMAÇÃO REFERENTE AS TEGAS | INFORMATION ABOUT THE WORKS
- Author | Author
- Título | Title
- Categoria | Category
- Dimensões | Dimensions
- Tipo | Type
- Materiais | Materials
- Tipo e detalhes de embalagem | Type and details of packaging
- Valor Seguro | Insured Value
- Emprestador | Lender
- Transportadora | Carrier
- Observações | Observations

Figura 50. Ficha Estado de Conservação

Fonte: FEA

Também participei na semana da Páscoa de uma atividade para as crianças. No período da manhã, em visita às Casas Pintadas ouviram sobre a história dos frescos, à tarde uma profissional do Laboratório HERCULES (HERança CULTural, Estudos e Salvaguarda) explicou sobre os pigmentos, e fomos ao laboratório, ali elas aprenderam sobre pigmento na prática, utilizando a gema do ovo como aglutinante na pintura.

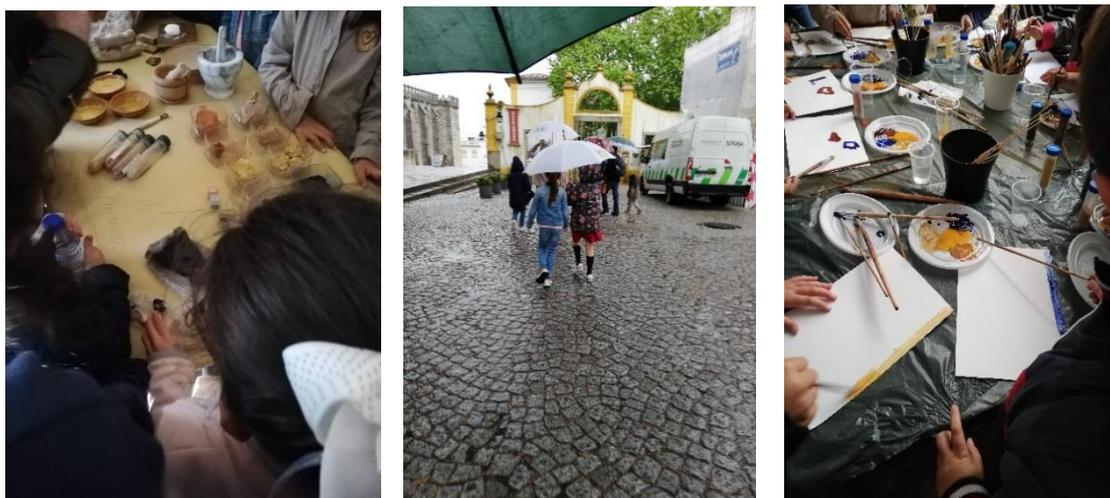


Figura 51, 52 e 53. Atividade em parceria com o Laboratório HERCULES

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

Outra atividade importante foi a possibilidade de aceder ao megalitismo da FEA, na Herdade das Murteiras. Na ocasião, identificamos o estado de conservação dos bancos, placas informativas, bem como alternativas de acesso às antas.



Figura 54. Herdade das Murteiras

Fonte: Raíssa Pereira, 2019

5. Balanço

Fiz diversos questionamentos, sugestões durante o estágio, os quais sempre foram ouvidos e caso não fosse possível a implantação, foram-me explicados os motivos. Contudo gostaria, ainda, de deixar algumas proposições.

O Paço possui nas Reservas peças de muita qualidade, há um berço, por exemplo, que esteve exposto no Museu de Évora na década de 1980, contudo não é possível expô-lo já que o casal não teve filhos e não estava nas divisões musealizadas, ficava em um

quarto de hóspedes. Então, seria interessante fazer algo como se faz na Casa-museu Medeiros e Almeida, por exemplo, onde elegem um objeto para ser o “Destaque do Mês”, e disponibilizam no *site* fotos e informações sobre ele.

Ou também, exposições temporárias como o “Alentejo da Família Eugénio de Almeida” com os objetos de cortiça, os prêmios ganhos com os animais das herdades etc. Exposições sobre artistas que eles apreciavam, no escritório de Maria Teresa havia quadros do cartunista Stuart, assim como livros sobre sua obra, o mesmo se passa com as peças de Delfim Maya em outro ambiente. Existem vários cadernos de quando eram crianças também, é possível que os pequenos de hoje se identifiquem.

Outra ideia é fazer um Clube de Leitura com obras da biblioteca pessoal da família. Existem milhares de livros no ABEA, mas talvez os que ficaram nos armários livreiros do Paço fossem os favoritos. Seria uma maneira de dinamizar o espaço, trazer novos públicos.

Ainda sobre novos públicos, observei vários adolescentes que iam ao espaço fazerem ensaios fotográficos, certa vez uma família com criança, mas a maioria adolescentes. Desta forma, poderia se fazer um concurso no *Instagram*, no qual a foto com mais *likes* ganharia duas entradas para o Paço de São Miguel. Sugiro também que os eventos realizados permaneçam na página *web* da FEA, caso não seja possível esta conduta para todos, que tenham data os que permanecerem.

Estive em dois espaços museológicos em São Paulo que são conhecidos pelas personalidades que ali viveram. No Solar da Marquesa de Santos houve uma exposição temporária, na qual havia uma instalação que emitia perfume e, no outro caso, A Casa de Vidro (do casal de arquitetos Lina e Pietro Bardi) havia um áudio do marido falando para

a esposa sobre o café. A casa-museu é um lugar propício para proporcionar sinestesia às pessoas e o Paço poderia explorar isto também.

Sugeriria, da mesma forma, que o Paço de São Miguel permanecesse aberto durante a semana, ainda que fosse para uma visita-guiada diária, não acarretando desse modo os custos de mantê-lo todo o dia em funcionamento.

Sabemos que o espaço ainda não é sustentável por si só, mas uma maneira de acelerar este processo seria uma cooperação com o Enoturismo da Fundação Eugénio de Almeida.

O Enoturismo Cartuxa iniciou as atividades em 2010, nesse ano recebeu 2000 visitantes. Em 2018 foram 18 mil. Atualmente, trabalham com 200 agências de turismo²², seria interessante, por exemplo, que estas agências ao oferecerem a visita à Cartuxa, sugerissem por um valor a mais, a visita à casa onde viveu o instituidor da Fundação. Algumas pessoas fazem a reserva pelo site, ali poderia haver esta opção também, como um produto turístico (Cartuxa + Paço de São Miguel). Segundo pesquisa coordenada por Jaime Serra, os turistas em Évora estavam pouco satisfeitos com os espaços museológicos da cidade, e quando questionados o que procuravam, figuravam entre os motivos mais citados: aprender, enriquecer-se culturalmente e se divertir²³. Com as visitas guiadas ao Paço que costumam transcorrer com grande senso de humor, além da transmissão de conhecimento, supostamente, encontrariam o que buscam.

²² Levantamento feito pelo Enoturismo Cartuxa.

²³ Estudo realizado pela Universidade de Évora, entre abril e setembro de 2015 e 2017, com o objetivo de identificar o perfil, expectativas e motivações dos visitantes do centro histórico de Évora.

Considerações Finais

Parecia-me difícil encontrar uma resposta para minha questão de partida, porque talvez não fosse possível mensurar como esta casa-museu contribui para compreender o quotidiano de uma família que ali viveu em um determinado período. No entanto, um dia enquanto estava a preencher uma ficha de inventário e a fazer relações entre os objetos e a vida dos Eugénio de Almeida me dei conta que era isto: os objetos respondiam à questão, eles falam muito, sobre muitas coisas, inclusive sobre o modo de morar da família Eugénio de Almeida.

Muitos dos questionamentos que foram levantados durante o estágio e das sugestões que estão no “Balanço” saíram do museio ao acervo da casa-museu do Paço de São Miguel, da observação das divisões do palácio. Sem contar outros exemplos, tais como: se os Eugénio de Almeida fumavam, devido à quantidade de cinzeiros existentes na casa, como faziam para se proteger do frio (esta é uma questão que os visitantes fazem, a temperatura ali costuma estar uns graus abaixo do exterior), a simplicidade dos espaços íntimos, enquanto os ambientes para receber são tão majestosos - pode pairar a dúvida de que fosse assim porque Évora era a segunda casa da família, porém analisando fotos da Casa de Santa Gertrudes se passa o mesmo. O orgulho que provavelmente Maria Teresa sentia em ser bisneta de Ramalho Ortigão, já que existem muitos retratos dele, seja sozinho ou acompanhado dos Vencidos da Vida, se ela pintava e/ou cozia etc.

Alguns investigadores utilizam Inventários *post mortem* para se aproximarem da mentalidade, das sociabilidades de uma época, todavia quando estamos em uma casa-museu como a dos Eugénio de Almeida é como se o Inventário se materializasse, afinal quatro gerações utilizaram, conviveram com alguns dos objetos da coleção. No entanto, não é como a coleção de um museu típico, porque ali uma peça de cozinha estaria ao lado

de uma que se utiliza no quarto, até poderíamos saber quem foi o proprietário, mas normalmente só se ele houvesse sido rei ou algo assim. Na casa-museu as peças têm uma história vivida com as pessoas, no Paço de São Miguel durante as visitas guiadas ouvimos uma anedota sobre o relógio que está na Sala da Tomada de La Goletta, e ainda que existam todos os acréscimos possíveis quando se trata de História Oral, estas peças nos contam não só a história delas, mas da casa, dos donos.

Ao analisar as peças apreendi sobre diversos assuntos, por exemplo, alegorias religiosas, comunidades cartusianas, sobre o material ou função de determinado objeto que já não se usa em nossos dias, pinturas - há uma obra nas Reservas que retrata um batalha que se deu na Polónia, provavelmente não tivesse nenhum significado mais simbólico para os proprietários e a adquiriram pela estética, contudo, como em outros casos, investigava para me certificar se tinha algo a me dizer -, livros do século XIX, por exemplo: além dos livros do ABEA, nos armários livreiros da casa existem mais de duas centenas, com anotações, flores secas, preces, e é de se supor que se estes ficavam mais acessíveis é porque eram mais consultados.

Respondendo à pergunta de partida, podemos conhecer um pouco do quotidiano desta família porque para utilizar um conceito de Magaly Cabral (2003, p. 46) os objetos de uma casa-museu são eles mesmos documentos. E como documentos são passíveis de serem questionados, assim como fazemos com os documentos de outros formatos.

Almejo com o Relatório ter contribuído para valorizar esse Património de Évora, seu reconhecimento seria uma mais-valia para a cidade que concorre ao posto de Capital Europeia da Cultura 2027. Como única casa-museu que temos na cidade - a depender do plano museológico que for adotado pela casa-atelier João Cutileiro, esta pode vir a ser

uma - poderia se tornar uma referência em casas-museu no Alentejo Central, já que como aferido por Ponte (2007) não são muitas na região.

Referências bibliográficas

- Antunes, V., & Serrão, V. (2013). Giraldo Fernandes de Prado ‘hombre de admirable pincel’ (C. 1530-1592), *Archivo Español de Arte*, 344, 345-362.
- Beirante, M. (1995). *Évora na Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brigola, J. (2016). Vasco Vilalva - criador de patrimónios. In J. Brigola (Ed.), *Museus, Património e Ciência. Ensaios de História da Cultura* (pp. 115-118). Évora: Publicações do CIDEHUS.
- Cabral, M. (2001). Exhibiting and communicating history and society in historic house museums. *Museum International*, 2, 41 – 46.
- Carreteiro, R. (2019). Arquivos e Casas-Museu: as vivências e as memórias como “objeto museológico”. *10 anos de reflexão sobre casas-museu em Portugal*, 1, 65-90.
- Caetano, J., & Carvalho, J. (1998). *Frescos Quinhentistas do Paço de S. Miguel*. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill' Alva.
- Caetano, J., & Carvalho, J. (2004a). *Os frescos das Casas Pintadas*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Caetano, J., & Carvalho, J. (2004b). *Os tectos pintados do Paço dos Condes de Basto*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Doctors, M. (2010) Casa museu como projeto de diversidade. *Anais do I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas-2006*, 40-51.
- Espanca, T. (1966). *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora* (Vol. IV). Lisboa: Academia das Belas Artes.
- Fernandes, H., & Vilar, H. (2007). O urbanismo de Évora no período medieval. *Monumentos*, 26, 6-15.
- Fonseca, H., & Reis, J. (1987). José Maria Eugénio de Almeida, um capitalista da Regeneração. *Análise Social*, 99, 865-904.
- Marques, M. (1998). *Vasco Vill'Alva: uma presença no Alentejo: (1913-1975)*. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva.
- Mendes, S. (2003a). *Antigo Tribunal da Inquisição*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.

- Mendes, S. (2003b). *Convento da Cartuxa. Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Mendes, S. (2003c). *Pátio de São Miguel. Évora*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Mendonça, I (2016). Gosto e mobiliário. As encomendas da família Eugénio de Almeida ao marceneiro parisiense Henri-Auguste Fourdinois. In Ana Rodrigues (Ed). *O gosto português na arte* (pp. 82-101). Lisboa: Scribe.
- Pavoni, R. (2001). Towards a definition and typology of historic house museums. *Museum International*, 2, 16-21.
- Pavoni, R. (2012). *Case museo: una tipologia di musei da valorizzare*, 1-8.
- Pinna, G. (2001). Introduction to historic house museums. *Museum International*, 2, 4-9.
- Ponte, A. (2007). *Casas-museu em Portugal*. (Dissertação de Mestrado, Porto).
- Santos, J. (2016). *Um olhar sobre o quotidiano de Évora no período medieval-islâmico. Século VIII-XI*. (Dissertação de Mestrado, Évora).
- Sardica, J. (2016). *José Maria Eugénio de Almeida: Negócios, Política e Sociedade no Século XIX*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida.
- Sequeira, G. (1980). *Palácios e solares portugueses*. Porto: Lello e Irmão.
- Serrão, V. (2014). As artes decorativas na coleção palaciana do 1º Conde de Basto, D. Fernando de Castro em Évora no tempo dos Filipes. *Artis*, 2, 9-21.
- Val-Flores, G. (2012). *A evolução urbana do centro histórico de Évora – Ebora Liberalitas Iulia. Território e Cidade Séc. I a. C – IV d.C*. Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Vieira, G. (2017). O museu como lugar de memória: o conceito em uma perspectiva histórica. *Mosaico*, 12, 140-162.

Referências eletrónicas

Website da Fundação Eugénio de Almeida:
<http://www.fundacaoeugeniodealmeida.pt/>

Website da Direção-Geral do Património Cultural:
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

Legislação

Lei n.º 107/2001 de 08 de setembro de 2001. Diário da República n.º 209/2001 - Série I-

A. Assembleia da República. Lisboa.

Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto de 2004. Diário da República n.º 195/2004 - Série I-A.

Assembleia da República. Lisboa.